



Eduardo António Conceição Brandão Garrido

**O DESENVOLVIMENTO E SIGNIFICAÇÃO
DE TRAJETÓRIAS DESVIANTES**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
2012

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia

O Desenvolvimento e Significação de Trajetórias Desviantes

Tese apresentada por **Eduardo António Conceição Brandão Garrido** à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Ramo de especialização em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, sob orientação da Professora Doutora Celina Paula Manita, da FPCEUP.

Porto, 2012

Resumo

A Delinquência Juvenil (DJ) é um fenómeno social complexo e problemático. Os comportamentos desviantes praticados por jovens provocam alarme social, medo e sentimentos de insegurança. Para ajudar a compreender e intervir junto desta população, é fundamental conseguir dar resposta à questão: o que leva um jovem a tornar-se delinvente?

O objetivo do presente estudo consiste, assim, em compreender como se desenvolvem as trajetórias desviantes e perceber quais os significados atribuídos pelos participantes aos eventos vividos e identificados como marcantes na sua trajetória desviante.

A abordagem utilizada foi qualitativa e focada no discurso da pessoa. O estudo incidiu sobre um grupo de 15 jovens a cumprir medidas tutelares educativas em centros educativos. Para a recolha de dados utilizou-se um método biográfico, o Biograma (Agra e Matos, 1997).

Através da análise das narrativas construídas durante a elaboração dos biogramas, constatou-se que, no desenvolvimento da trajetória desviante, é necessário ter em conta a infância dos sujeitos, o início e a progressão da trajetória. Na infância verificamos a preponderância da dimensão afetiva relacionada principalmente com a família, encontrando-se três grupos com diferentes vias de significação: (1) os que **“têm conflitos familiares”**; (2) os que **“observam conflitos familiares”** e (3) os **“sem conflitos familiares”**.

No envolvimento num estilo de vida desviante, os significados atribuídos apontam para a relevância do grupo de pares e a vivência, no seu seio, de afetos positivos, encontrando-se quatro vias de significação: (1) **afeto/aceitação**; (2) **identidade/pertença**; (3) **estatuto/poder**; e (4) **prazer/excitação**. Por fim, verificamos um processo de significação no qual a dimensão afetiva perde a sua centralidade e a trajetória desviante passa a centrar-se no seu carácter instrumental.

Palavras-chave: delinquência juvenil; trajetórias desviantes; significação; métodos biográficos; biograma.

Abstract

Juvenile Delinquency (JD) is a complex and problematic social phenomenon. Deviant behaviors committed by youth cause social alarm, fear and feelings of insecurity. To help understand and intervene with this population, it is of crucial importance to be able to answer the question: what makes a youth become delinquent?

The aim of the present study consists, therefore, in understanding how deviant trajectories develop and the meanings / signification attributed, by the participants, to events they have experienced and identified as significant in their deviant trajectory.

The approach used was qualitative and focused on the youth's narrative. The study focused on a group of 15 young males in judicial custody in Portuguese juvenile detention centers. Data was collected using a biographical method - the Biogram (Agra e Matos,1997).

Through the analysis of the narratives constructed by the subjects during the preparation of the biograms, we found that, in the development of deviant trajectory, the subject's childhood, the onset and progression of the trajectory must be taken into account. In their childhood, we found the preponderance of the affective dimension, related, primarily, to the family, yielding three groups with different routes of signification: (1) those who "**have family conflicts**", (2) those who "**observe family conflicts**", and (3) those "**without family conflicts**".

In the involvement in a deviant lifestyle, the meanings / significations attributed by the subjects demonstrate the importance of the peer group and the positive effects experienced within the group, resulting in four routes of signification: (1) **affection / acceptance**, (2) **identity / belonging**, (3) **status / power**, and (4) **pleasure / excitement**. Finally, we found a process of signification in which the affective dimension loses its centrality and the deviant trajectory shifts the focus to its instrumental character.

Keywords: juvenile delinquency; deviant trajectories; signification; biographical methods; biogram.

Résumé

La délinquance juvénile (DJ) est un phénomène social complexe et problématique. Les comportements de déviances adoptés par les jeunes provoquent l'alarme sociale, la peur et les sentiments d'insécurité. Pour aider à comprendre et intervenir auprès de cette population, il est fondamental de réussir à répondre à la question suivante, à savoir, qu'est-ce qui amène le jeune à devenir délinquant?

L'objectif de cette recherche consiste, donc, à comprendre comment se développent les trajectoires déviantes et appréhender les significations attribuées par les participants aux événements vécus, identifiées comme déterminantes dans leur trajectoire déviante.

L'approche utilisée fut qualitatif et centrée sur le discours des jeunes. L'étude se focalise sur un groupe de 15 jeunes, soumis à des mesures de tutelles éducatives dans des centres éducatifs. Pour recueillir les données ont été utilisée une méthode biographique, le Biograma (Agra et Matos, 1997).

À travers l'analyse de contenu des narratives construites tout au long de l'élaboration des biogrammes, a été constaté que, dans le développement de la trajectoire déviante, il est nécessaire de tenir en compte l'enfance des sujets (personnes), le début et la progression de la trajectoire. Dans l'enfance, nous observons la prépondérance de la dimension affective principalement attachée à la famille, faisant émerger ainsi trois groupes avec différentes voies de significations: (1) ceux qui "ont des conflits familiaux"; (2) ceux qui "observent des conflits familiaux " et (3) ceux "sans conflits familiaux".

Dans l'engagement d'un style de vie déviante, les significations attribuées pointent en faveur de l'importance du groupe de couples et l'expression, en son sein, d'affections positives, respectant quatre voies de significations: affection/acceptation; (2) identité/appartenance; (3) statut/pouvoir; et (4) plaisir/ excitation. Enfin, nous vérifions un processus de signification dans laquelle la dimension affective perd de sa centralité et la trajectoire déviante se recentre sur son caractère instrumental.

Mots clés: délinquance juvénile; trajectoires déviantes; signification; méthodes biographiques; Biograma.

Dedicatória

À minha mulher e aos meus filhos,
ao amor que construímos,
agradeço este caminho.

Agradecimentos

Nesta hora, em que tudo se conclui, em que fins e meios foram afluentes e convergiram para um rio, viajei pelo rio, e é a foz, que eu estou agora, a contemplar...

Um especial agradecimento à minha orientadora, a Professora Doutora Celina Manita, por ter acreditado em mim. Saiba que partilhar consigo a viagem foi um enorme orgulho.

Ao Diretor do Centro Educativo de Santo António, Dr. António Viana, às Coordenadoras, Dr.^a Emília Moreira e Dr.^a Isabel Ferreira, e aos colegas de trabalho, que, ao longo dos anos, me foram apoiando, confortando, ajudando e ensinando, permitindo que nos momentos mais difíceis fosse capaz de ir ainda mais longe.

À Diretora do Centro Educativo de Santa Clara, Dr.^a Teresa Ruão, e demais funcionários, um enorme agradecimento, pela simpatia e disponibilidade demonstrados.

À Diretora do Centro Educativo dos Olivais, Dr.^a Ângela Portugal, e demais funcionários, um enorme agradecimento, pela simpatia e disponibilidade demonstrados.

Aos jovens que participaram nesta investigação, aos atores, a que se destina, em último lugar, esta investigação, o meu obrigado por me confiarem as vossas histórias e os vossos segredos, e, espero do fundo do coração, que sejam muito felizes!

Abreviaturas

DJ – Delinquência Juvenil

DGRS – Direção Geral de Reinserção Social

TGSA – Teoria Geral do Sujeito Autopoiético

Índice Geral

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1. As bases do Construtivismo	4
1.1. Rutura com o positivismo	4
1.3. A análise crítica das noções de <i>personalidade criminal</i> e de <i>perigosidade</i> ...	6
1.4. <i>Becaming Deviant</i> – as técnicas de neutralização.....	8
1.5. <i>Os padrões de pensamento criminal e os erros automáticos de pensamento</i> .	9
2. Trajetórias e carreiras criminais.....	10
2.1. A noção de desviância e o interacionismo simbólico	10
2.2. A noção de Trajetória/carreira desviante.....	12
2.3. A noção de trajetória/carreira na perspectiva desenvolvimental	13
2.4. Tipos de conduta delincente - Fréchette e Le Blanc	14
2.5. Trajetórias desenvolvimentais - Moffitt	15
2.6. O desenvolvimento de uma conduta delincente	16
2.7 Trajetória desviante segundo uma perspectiva fenomenológica	18
3. Um modelo teórico integrador: A teoria geral do sujeito autopoietico	20
PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO	24
Introdução	25
1. Objeto e objetivos de estudo	25
2. Metodologia de estudo	25
3. Amostra	27

4. Procedimentos	28
5. Instrumentos	29
6. Resultados.....	38
6.1. Os organizadores de significado dominantes	38
6.2. Antes do início da trajetória desviante: a infância	41
6.3. O envolvimento na trajetória desviante.....	43
6.4. A progressão na trajetória desviante	47
7. Conclusões	50
BIBLIOGRAFIA	53

Índice de Figuras

Quadro 1. <i>Biograma</i> (AC/SA/18) – Eduardo Garrido (2012), adaptado de Agra e Matos (1997) -----	33
Quadro 2. <i>Biograma</i> (Grelha de Codificação) - Eduardo Garrido (2012), adaptado de Agra e Matos (1997)	34
Quadro 3. Dimensão do discurso e título atribuído a cada narrativa	38
Quadro 4. Dimensões mais fortemente associadas a três momentos distintos: infância, envolvimento e progressão da trajetória desviante	43

Índice de Anexos

Anexo A: Grelha de recolha de dados hetero e autobiográficos	57
Anexo B: Modelo de Biograma utilizado	65
Anexo C: Exemplo de análise de conteúdo de um relato resultante da aplicação do método do Biograma	67
Anexo D: Análise de Conteúdo: categorização relativa à identificação e nomeação de fases ou acontecimentos relevantes na trajetória desviante e análise temática.....	71
Anexo E: Análise de Conteúdo: categorização subjacente à descrição e significação das fases identificadas e nomeadas como mais relevantes na trajetória de vida e sua relação com a desviância.....	76

INTRODUÇÃO

O conceito de delinquência juvenil é uma noção social, clínica e legal imprecisa, que pretende caracterizar um conjunto alargado de comportamentos, praticada por jovens, que violam a lei e a norma social (Bartol & Bartol, 2012).

O termo delinquência tem diferentes definições e sentidos, quer se trate do conceito legal, clínico ou social. A definição social de delinquência abrange um conjunto alargado de atos inapropriados, praticados por jovens, que não são necessariamente delitos, tais como: pequenos furtos, vandalismo, fugas de casa, abuso de drogas, vadiagem, atos agressivos, promiscuidade sexual. A maior parte destes comportamentos não são sinalizados pela polícia.

A definição legal apenas classifica de delinquentes aqueles jovens que, em Tribunal de Família e Menores (TFM), vê provado os factos de que está indiciado qualificados pela lei como crimes, em consequência dos que pode ficar obrigado a cumprir medida tutelar educativa. Dessa forma, um jovem delincente é quem comete um facto contra a Lei Penal e é sujeito à apreciação de um Tribunal competente. Os comportamentos que são considerados delinquentes incluem delitos que são crime, se cometidos por um adulto, bem como uma variedade de comportamentos que são ilegais devido à idade do jovem (Negreiros, 2008).

A noção clínica de delinquência inclui os conceitos de *perturbação de comportamento* e de *comportamento antissocial*, baseados em sintomas clínicos. A *perturbação de comportamento* é um diagnóstico que engloba um grupo de comportamentos desajustados, como praticar furtos, atear fogo, fugir de casa, faltar à escola, destruir a propriedade, envolver-se em lutas, ser cruel para pessoas e animais e mentir frequentemente¹. Esta definição não implica que os comportamentos sejam penalmente sancionados e alguns destes problemas podem, mesmo, não ser considerados crimes pela lei. Relativamente a outra designação, mais psicossocial, a de *comportamento antissocial* é normalmente mais utilizada para designar comportamentos graves e persistentes (Bartol & Bartol, 2012), factos que provocam dano e põem em causa o bem-estar dos outros.

Quando abrimos o jornal, ouvimos a rádio ou vemos o telejornal, não podemos escapar ao discurso sobre a delinquência juvenil, os gangues, os grupos de jovens provenientes dos bairros sociais os roubos e furtos que cometem e o medo que provocam na população. De acordo com alguns estudos tem-se verificado, efetivamente, um aumento da criminalidade aquisitiva ou predatória praticada por jovens (Cusson, 2007).

¹ Uma descrição mais detalhada pode ser encontrada no DSM-IV-TR.

As perspetivas sobre a delinquência juvenil são complexas e, de modo algum, unificadas ou definitivas, suscitando o aparecimento de uma pluralidade de teorias e modelos explicativos (Negreiros, 2008). Durante muito tempo os estudos tentaram identificar e caracterizar o criminoso, perceber como se distinguia das pessoas que não cometiam crimes e quais eram as suas características específicas. Num primeiro momento estudaram-se as características físicas, depois o foco centrou-se na sua personalidade e, mais tarde, defendeu-se que o fenómeno da delinquência era determinado pelo meio: a desviância ora tinha origem no contacto com a subcultura desviante, ora era aprendida por associação a pares desviantes, ou por efeito da etiquetagem ou da reação social.

Neste trabalho optamos por um modelo teórico que se define como biopsicossocial – iremos estudar as trajetórias desviantes de jovens judicializados com base na Teoria Geral do Sujeito Autopoiético (TGSA), de C. Agra (1986, 1989, 1990, 1991, 1994; Agra e Matos, 1996, tal como citado em Manita, 1998, p.304), procurando contribuir para o conhecimento sobre a emergência e desenvolvimento de trajetórias desviantes. Para tal, iremos aceder ao discurso subjetivo dos jovens, no sentido de apreender os significados que estes atribuem aos acontecimentos e eventos que identificaram como marcantes na construção da sua trajetória delinquencial e à forma como estas situações conduziram ao envolvimento na desviância.

Esta dissertação está organizada em duas partes. Na primeira parte, apresentamos as principais teorias explicativas da delinquência e do delinquente, procurando enunciar os seus principais contributos. De seguida, analisamos a literatura sobre as trajetórias desviantes e suas sequências de desenvolvimento, apresentando os seus principais contributos teóricos. Por fim, expomos o modelo teórico por nós escolhido para enquadrar esta investigação e realizamos. Na segunda parte, apresentamos o estudo empírico por nós realizado junto de uma amostra de jovens judicializados. Começamos por apresentar os objetivos deste estudo, seguindo-se a caracterização dos instrumentos utilizados. Descrevemos o processo de recolha de dados e a caracterização da amostra e finalizamos com a exposição dos resultados e a discussão das principais conclusões.

Parte I

Enquadramento teórico

1. As bases do Construtivismo

A escola positivista italiana está associada a três figuras principais: Lombroso, Ferri e Garafalo. O movimento positivista nasce como reação ao direito penal clássico e à noção de livre arbítrio (Beccaria, 1764). Para Lombroso (1835-1909), o crime é degenerescência e o criminoso encarna os traços do homem primitivo e de animais inferiores, com traços atávicos transmitidos pela hereditariedade (Agra, 1995, p. 74), postulando-se o determinismo biológico. Enrico Ferri (1836-1926), um dos mais conhecidos discípulos de Lombroso, afastando-se das propostas de Lombroso (determinismo biológico), toma consciência da importância dos fatores sociológicos na origem do crime. Os criminosos, segundo Ferri, são determinados por fatores individuais e do meio (causalidade multifatorial) e sofreriam de uma “lesão ética” que impedia a sua adaptação social normal. Garafalo (1852-1934) aproxima-se de uma perspectiva psicológica, ou psico-moral do delito, elegendo como base fundamental da criminologia a psicologia criminal (Manita, 1998).

1.1. Ruptura com o positivismo

Afastando-se na antropologia criminal italiana (positivista, Lombrosiana), Mendes Corrêa (1888-1960) estabeleceu a personalidade e o domínio moral como os elementos cruciais para o estudo do criminoso, fundando “*A Nova Antropologia Criminal*”, com a emergência do movimento psicomoral.

O pensamento deste autor passa por negar, não só a existência de características morfológicas específicas do criminoso, como também de características psicológicas ou morais exclusivas deste. Defendia, antes, que o delito seria uma ação específica, na medida em que era definida como tal pela lei, e não por uma qualquer estrutura biológica ou psicológica inerente.

Entendeu, também, que poderiam existir predisposições mais ou menos acentuadas nos diferentes indivíduos, contribuindo para facilitar (ou não) a passagem ao ato criminoso, mas não existiria um tipo específico concreto, determinante dessa inevitabilidade (Manita, 1998, p.150). A nova antropologia criminal deveria, então, segundo este autor, procurar entender o crime em indivíduos com “normalidade moral e ética”. Através de uma representação visual que definiu como uma “metáfora geométrica”, M. Corrêa apresentou um complexo modelo, de raiz biopsicossociomoral, através do qual explicava as diferentes formas de interação entre a biologia do sujeito, a sua psicologia e moralidade, o meio social em que

se inseria e a situação pré-criminal com que se confrontava, cada sujeito fazia diferentes opções e passava ao ato criminal, ou não.

Contemporâneo de Mendes Corrêa e com uma perspectiva que apresenta pontos comuns com a daquele, Étienne De Greeff (1898-1961) completará a rutura com a tradição positivista, deslocando o estudo do criminoso para uma abordagem fenomenológica e defendendo que o processo de socialização deveria ser encarado como difícil, imposto pela sociedade, causador de sofrimento e conflito nos indivíduos, e não como obedecendo a uma tendência natural de adaptação dos indivíduos à ordem dominante.

Até aqui, com Lombroso e outros autores da escola antropológica italiana, pensava-se que o criminoso revelava uma diferente fisiologia e uma diferente psicologia; com De Greeff (1932), o criminoso deixará de ser um ser à parte, de natureza distinta da do não-criminoso. Acrescentaria ainda este autor que, se quisermos avaliar e conhecer o criminoso, não é no domínio do legal, mas no domínio do psicológico que o deveremos estudar, percebendo como se organiza e estrutura em termos afetivos (da relação com o outro), morais (de orientação de conduta) e cognitivos (de construção de uma dada visão do mundo).

Segundo este autor, o psiquismo é formado por dois tipos de instinto: *instintos de defesa* (do Eu), que estão na origem da agressividade e dos movimentos de oposição e proteção face ao outro, e que remetem para a noção de justiça; e *instintos de simpatia* (da espécie) que estão orientados para o outro, que permitem o sentimento de altruísmo, de amor e remetem para a noção de responsabilidade. O homem socializado é aquele que estabelece um compromisso e um equilíbrio entre os dois tipos de instintos (Manita, 1998).

De Greeff fala-nos, também, de duas estruturas afetivas de significação que sustentam as motivações criminais. O *sentimento de injustiçamento*, que remete para a noção de que o criminoso experiencia de forma intensa a sensação de ser vítima de uma injustiça e conduz a uma visão hostil do mundo, a uma profunda revolta e agressividade face ao exterior e está associada a profundas carências afetivas. E a *alteração do modo de ligação ao meio*. Esta refere-se à alteração cada vez mais profunda (ou não) da relação que o criminoso mantém com o meio, conforme vai desenvolvendo (ou não) uma atitude criminógena. Pode expressar-se através de duas modalidades distintas: a *desvinculação* e a *inibição afetiva* (idem).

A *desvinculação* ocorre pelo corte rápido e consciente nas ligações afetivas com o meio, o indivíduo não sente obrigações face a nada e a ninguém. Ao tornar-se totalmente livre e sem constrangimentos, é frequente ocorrer uma reação/atitude criminal. Quanto à *inibição afetiva*, é um processo lento e passivo, tornando-se uma característica estável e inconsciente

da personalidade que pode consolidar-se numa atitude criminógena, culminando na aceitação da prática do crime.

A passagem ao ato comporta a colaboração consciente do criminoso e o seu consentimento moral. Nesse sentido, torna-se importante perceber as etapas de modificação do quadro moral de um indivíduo que levam à prática de delitos, ou seja, a praticar um ato que se encontra em rutura com o quadro moral dominante.

A passagem ao ato criminoso ocorreria em três grandes momentos: 1) o *consentimento ineficaz*, caracteriza-se pelo nascimento e desenvolvimento de um “mito desvalorizador da vítima” que permite ao delinvente afastar-se dela afetivamente e torná-la mero objeto; 2) *consentimento formulado*, etapa em que existe uma implicação do criminoso no sentido de consolidar esse processo de desvalorização/desvinculação afetiva da vítima; 3) *crise*, é o momento crítico que antecede e efetiva a concretização da ação. Face à necessidade de passar subitamente à ação, as objeções morais são afastadas, o que não é um fenómeno específico do criminoso (Manita, 1998).

1.3. A análise crítica das noções de *personalidade criminal* e de *perigosidade*

É com Debuyst (1981) que se promove uma análise crítica das noções de *personalidade criminal* e de *perigosidade* e que, de certa forma, se aponta o caminho para outras formas de olhar o crime: através do estudo da intencionalidade da ação delituosa, da sua lógica e dos seus sentidos, desenvolvendo estudos fenomenológicos e aplicando a teoria do ator social à criminologia.

O seu distanciamento face à forma como foi definida a noção de personalidade, a partir de uma linha positivista e diferencial (conjunto fixo de elementos, traços, dimensões ou estados psicológicos), prende-se com o pressuposto da complexidade, variedade e flexibilidade do sujeito psicológico e da ação humana.

Para este autor a criminalidade é um fenómeno complexo, resultante de interações múltiplas entre dimensões individuais, intersubjetivas, ecossociais, legais, culturais, pelo que seria imprudente afirmar que um conjunto fixo de elementos, sejam traços, dimensões ou estados psicológicos estariam na base do comportamento transgressivo.

Para compreender o fenómeno criminal é importante alcançar a especificidade e o sentido desse comportamento, acedendo ao processo de construção da realidade. O conceito de processo é, segundo o autor, central, para a compreensão do sujeito enquanto ator social, o

que remete para a ideia de que a ação humana tem um enquadramento histórico-social, inevitavelmente, temporal, contextual e existencial (Debuyst, 1981).

O estudo da criminalidade deve, assim, ter em conta três aspetos fundamentais para a análise da delinquência: “(1) a posição que o sujeito ocupa na sociedade e as situações com que se confronta; (2) as características da sua personalidade; e (3) os processos e condicionantes que derivam dessa posição, na interação com as suas características pessoais (Debuyst 1977,1985, tal como citado em Manita 1998, p.287).

Nesta abordagem, *“o self e a personalidade são, como propõem as teorias interaccionistas, encarados não como estruturas ou organizações fixas, mas como processos com dinâmicas flutuantes”* (Manita, 1998, p.286). Segundo Agra (1996), um processo pode ser compreendido como *“um conjunto de mudanças de estado que se sucedem no tempo segundo uma dada regularidade”* (Agra, 1996, p.16). Na mesma linha, Manita (1998) refere que o conceito de processo pode ser *“entendido enquanto ação que toma lugar numa dada temporalidade e integrado num dado contexto, ou seja, todo o jogo das interações que se desenrolam num tempo ou numa dada história e por relação à qual as ações vão adquirir o seu sentido”* (Manita, 1998, p. 286). O conceito de processo implica claramente a ideia de uma sequência de fases ou de etapas que conduzem a uma finalidade, aceite ou sofrida pelo sujeito: a rutura social ou a transgressão da lei (Debuyst, 2002, p.141).

Com estes pressupostos e abordagens, Debuyst influencia o desenvolvimento da criminologia clínica numa direção diferente (Agra, 1996; Manita, 1998). A criminologia clínica tradicional estava orientada para o estudo da passagem ao ato, tentando identificar as características/traços da personalidade determinadoras da passagem ao ato. A abordagem processual, por seu lado, situa o ato criminal na história e no processo de envolvimento criminal, face a um conjunto de variáveis que tomam em consideração a interação entre a posição social do sujeito, os mecanismos de reação social que desencadeia e as suas características pessoais.

Este autor pôs, assim, em causa um conjunto de pressupostos e abordagens anteriores e desenvolveu um novo modelo e um novo olhar sobre o crime e o criminoso: nele define o comportamento criminal no quadro da diversidade social, afirma a indeterminação da conduta e introduz a ideia de que existe significação pessoal, lógica e intencionalidade nas ações transgressivas. A delinquência passa a ser olhada como um comportamento significativo e como uma opção – opção, no sentido em que o ato delituoso pode representar a melhor solução que o sujeito encontrou face às alternativas possíveis e às múltiplas contingências e relações entre processos individuais, sociais e contextuais com que se confronta.

Em consequência, a noção de *personalidade criminal* e a lógica casualista linear que lhe estava subjacente foi abandonada e o estudo do crime deixou de estar centrado na *passagem ao ato*, dando-se destaque à perspectiva do ator social (Manita, 1998).

1.4. *Becaming Deviant* – as técnicas de neutralização

Sykes e Matza (1957) empenharam-se em compreender como é que o processo desviante toma lugar no indivíduo e que tipos de ação significativa e seus conteúdos são aprendidos na interação com o meio.

O pensamento dominante até este momento, com forte influência da sociologia criminológica americana, assumia que o indivíduo desviante aprendia por associação diferencial, como defendeu Sutherland (1949), ou pela ação de normas e valores subculturais (Cohen, 1955), devido a falhas ou ausência no processo de socialização e veiculação de normas e regras dominantes.

No entanto, nos estudos naturalistas que levaram a cabo, Sykes e Matza constataram que a maioria dos delinquentes defendia os mesmos valores e regras que a restante população, ainda que aderisse a valores e normas das subculturas. Como se poderia, então, explicar que o “homem viole uma lei na qual acredita”? (Sykes & Matza, 1957 tal como citado em Manita, 1998, p. 228).

Para explicarem este processo, os autores, desenvolveram a noção de técnicas de neutralização. Os autores defendem que a delinquência está assente num conjunto de ideias não reconhecidas que defendem o crime, referindo-se a justificações que legitimam a delinquência, as quais, parecendo válidas para o delinquente, não são aceites pelo sistema legal (Sykes e Matza, 1957). Como refere Manita (1998), as técnicas de neutralização são um conjunto de estratégias que permitem criar condições cognitivo-afetivas para anular as dimensões negativas associadas à prática de atos que atentam contra valores e normas em que o infrator acredita. Estas cognições facilitam o envolvimento criminal, uma vez que atribuem “*diferentes valorações, intenções, efeitos ou locus causais aos seus atos, transformando o significado de realidades que, de outra forma, funcionariam como obstáculos internos à prática de crimes*” (Manita Santos, 1998, p. 228-229).

Descreveremos, de seguida e de uma forma resumida, tomando como referência o trabalho de Manita (1998, p. 229), as cinco técnicas de neutralização definidas por Sykes e Matza (1957): *negação da responsabilidade* – os atos desviantes são um acidente e o indivíduo consegue identificar todo um conjunto de forças que o terão empurrado para o crime, sem que a responsabilidade direta tenha sido sua, negando a ligação do ato com o ator;

negação do dano – o indivíduo não se considera mau e entende que o seu ato pouco dano efetivo provocou na vítima, negando a relação do ato com as suas consequências; *negação da vítima* – a vítima é transformada em provocador ou agressor que merece e justifica tudo o que lhe aconteceu, o agressor é transformado em vítima ou em justiceiro; *condenações dos condenados* – aqueles que o condenam é que são hipócritas e transgressores e só pretendem prejudicá-lo (e.g., a polícia é corrupta, a sociedade é discriminadora); *apelo a lealdades mais elevadas* – justifica a violação das normas dominantes pelo princípio do sacrifício ou da lealdade a um conjunto de normas veiculadas por um grupo de pertença mais importante para os sujeitos que a sociedade dominante.

1.5. Os padrões de pensamento criminal e os erros automáticos de pensamento

Yochelson & Samenow (1976) estudaram o crime a partir dos padrões e processos de pensamento, centrando-se nas significações do crime e não nas suas causas. Estes autores procuraram um conhecimento mais compreensivo da mente dos criminosos, abandonaram os pressupostos psicanalíticos da sua formação inicial e focalizaram a sua investigação nos fatores motivacionais, nos “traços de carácter” do criminoso, seus pensamentos, afetos, valores e raciocínio moral, tomando como ponto central de investigação o que, de facto, os criminosos tinham pensado, sentido e feito, e não aquilo que se queixavam que lhes havia sido feito.

Os autores (Yochelson & Samenow, 1976) elaboram um conjunto de premissas fundamentais: “*o ato criminoso comporta sempre uma opção e é dotado de intencionalidade*” (Manita, 1998, p.234), ou seja, para estes autores era necessário alterar a visão segundo a qual o criminoso é um produto de privações precoces, quer emocionais, quer socioeconómicas. Rejeitando teses determinísticas, defendem que ninguém nasce criminoso nem se torna criminoso sem implicação pessoal. Nenhuma condição biopsicossocial determina o comportamento criminoso, os indivíduos tornam-se criminosos a partir duma sucessão de escolhas feitas desde muito cedo na vida, ou seja, tal como o não criminoso, o criminoso controla o seu percurso existencial e as suas ações, mesmo que depois o venha negar (Manita, 1998).

A mente do criminoso, segundo os autores, deve ser lida a partir da sua realidade, dos seus pensamentos, sentimentos, experiências de vida e, para isso, é necessário aceder a essa linguagem e a essas experiências. Yochelson & Samenow afastaram-se das causas mentais, das causas psicológicas ou sociais tradicionais e focaram-se no estudo dos padrões de pensamento e na sua relação com a conduta criminosa.

Optando por não trabalhar diretamente com emoções e afetos, e centrando nos padrões de pensamento e na sua relação com a conduta criminosa, identificaram dois grandes grupos de processos cognitivos considerados “erros de pensamento característicos do criminoso”: *os padrões de pensamento criminal* são como “traços de caráter”, estão organizados de forma específica e recorrente no criminoso, ainda que estejam também presentes também em não-criminosos; *os erros automáticos de pensamento* são formas de pensamento imediatistas que facilitam a emergência do ato criminoso. No entanto, “*não os podemos encarar como causais nem como específicos do criminoso, e só a combinação e interação entre todos eles dará origem a este tipo de ação*” (Manita Santos, 1998, p. 235).

Para melhor compreender e explicar o crime, desenvolvem a noção de *continuum criminal* (Yochelson e Samenow, 1976, tal como citado em Manita, 1998, p.236) onde se englobam diferentes atos ilícitos e respetivos processos de pensamento. Assim, num dos extremos do contínuo temos os padrões de pensamento responsável, cujo estilo de vida está orientado para o trabalho, cumprimento de deveres e obrigações e pelo respeito pelos outros, e no outro extremo, os padrões de pensamento irresponsável, pautando-se pela mentira, falhando compromissos e obrigações sociais e familiares e não respeitando os direitos dos outros. Este último pode não se transformar num criminoso, mas os criminosos quase sempre apresentam estas características. No intermédio do contínuo encontramos indivíduos sem apelo pelo crime e indivíduos que se sentem seduzidos por ele, mas que conseguem controlar esse apelo.

2. Trajetórias e carreiras criminais

2.1. A noção de desviância e o interacionismo simbólico

Uma das primeiras transformações realizadas por influência da sociologia americana foi a deslocação do conceito de crime para noções mais abrangentes e menos axiológicas, como as de desviância e de comportamento desviante (Manita, 1998). O termo *desvio* supõe

uma relação social, focando-se nas relações, na produção social das regras e no processo de imposição de rótulos desviantes. Becker (1963) afirma que são os grupos sociais que criam o desvio, ao produzirem as regras cujas infrações geram o desvio.

A desviância consiste na transgressão de uma norma social ou, melhor dito, nos estados e nas condutas que violam as normas de um dado grupo. A definição de desviância é relativa, não sendo uma propriedade intrínseca do ato, mas estando, antes, inscrita num determinado contexto normativo (Cusson, 2007).

Matza (1969), em “Becoming Deviant”, defende que pensar o desvio (por exemplo, sair fora de um caminho) é uma questão de grau e é uma questão ambígua, pois, numa sociedade pluralista, o desvio de um pode ser o costume de outro. Propõe que o desenvolvimento de um ponto de vista sociológico sobre o desviante implique: uma atitude de valorização em vez do olhar correccional perante o desviado, substituir a noção de patologia pela de diversidade humana para, assim, melhor compreender o fenómeno do desvio e defender o pressuposto da complexidade da realidade, em detrimento da postura simplista que apenas contempla a distinção entre normativo e desvio (Matza, 1969, p.10).

Nos EUA, as teorias construtivistas foram particularmente influenciadas pelo interacionismo simbólico da Escola de Chicago, cujos pressupostos são: 1) o ser humano orienta os seus atos em relação às coisas em função do que elas significam para ele; 2) a fonte desse significado emana das atividades dos indivíduos ao interatuar socialmente; 3) a utilização desse significado produz-se através de um processo de interpretação e manipulação de significados (Alonso, 1982, tal como citado em Fernandes, 1997).

Esta abordagem coloca o processo de interpretação e atribuição de significado no centro da interação social considerando, assim, que o sujeito não é um ser passivo e fixo nem produtor de uma reação direta a estímulos, mas um ser ativo e complexo que converte perceções em significações diversas, mediadoras e orientadoras da sua ação. Se em toda a ação está implicado o processo de mediação e interpretação resultante de significados existentes e, ao mesmo tempo, presentes na reconstrução de novos significados, o Self, é por sua vez, um processo em constante construção, na interação com o outro e com o meio, e não uma estrutura pré-determinada.

O interacionismo simbólico remete para a noção de primazia do significado na orientação da ação e da existência. Destacando-se o carácter significativo do comportamento humano e o seu indeterminismo, a ação comporta um significado específico no sistema de significados que o indivíduo construiu ativamente na sua vida. Importa, assim, estudar essas significações, o contexto em que são produzidas e em que adquirem sentido, e não tanto os

estímulos, pois estes, em última análise, são mediados cognitivamente e interpretados por um conjunto de significados existentes.

2.2. A noção de Trajetória/carreira desviante

A noção de carreira apareceu na sociologia do trabalho, sendo, posteriormente, introduzida no estudo do comportamento desviante. Sutherland (1937), no seio da primeira escola de Chicago, utilizou este conceito, ao aplicar os princípios da “teoria de associação diferencial” ao estudo daqueles que designou de “ladrões profissionais”, vindo a estudar a evolução das suas “carreiras desviantes” e centrando a sua abordagem nos processos e não nas causas que as determinariam.

Becker, em *Outsiders* (1963), estuda as carreiras de músicos e consumidores de marijuana, dando ênfase ao desenvolvimento de práticas, valores e identidades comuns. Goffman (1959, 1961) estuda as carreiras morais de doentes psiquiátricos.

Com estes autores, o interacionismo desloca o interesse do indivíduo para o corpo social, instituições e reações sociais. Uma tese fundamental no interacionismo é a de que a delinquência não deve ser vista como algo estático, mas como um processo. Becker (1963) manifesta a necessidade de estudar não tanto a delinquência e o delinquente, mas a sequência de fases que constituem uma carreira desviante e o estudo dos processos que explicam a passagem de uma fase a outra, dentro dessa carreira.

Por seu lado, Matza (1957) critica o conceito de subcultura, afirmando que, tanto os desviantes, como o resto da população, pertencem ao mesmo sistema de valores. A aprendizagem de valores contrários aos do sistema normativo dominante acontece por meio do que, como atrás referimos, o autor designa de “técnicas de neutralização”, isto é, justificações e racionalizações das próprias ações desviantes que permitem ao sujeito tornar mais aceitável o seu comportamento e poder continuar a participar do sistema de valores dominantes. Através do conceito de afinidade, filiação e significação, o autor explica o processo através do qual um indivíduo se torna desviante. No centro da teoria de Matza há o sujeito e sua capacidade de escolha e decisão; é um sujeito que constitui a sua própria realidade, que se confronta com seus próprios condicionantes, que os elabora cognitivamente, é um sujeito ativo e não passivo (Tapparelli, 2000).

Faupel define a carreira desviante como sendo “uma série de categorias significativamente relacionadas, papéis e atividades à volta das quais o indivíduo organiza alguns aspetos da sua vida” (Portela, 2004, p.37).

A noção de carreira caracteriza-se por deixar de lado a dicotomia redutora normal/anormal (Agra, 1986). Segundo a nossa perspectiva, do ator social, a carreira é construída pela vontade do indivíduo, mas também configura uma série de obstáculos e etapas previsíveis que lhe são, de certo modo, preexistentes. A noção de carreira implica, também, uma experiência subjetiva que surge das atividades inerentes a essa carreira e os sentidos atribuídos às atividades (Tinoco, 1999).

2.3. A noção de trajetória/carreira na perspectiva desenvolvimental

Esta perspectiva desenvolve-se em resposta à controvérsia gerada sobre a relação entre idade e crime. Gottfredson e Hirschi (1990, tal como citado em Negreiros, 2008, p.44) argumentaram que a relação idade-crime é invariável e que todos os infratores cometem menos crimes à medida que envelhecem. Em contraste, Blumstein (1988, tal como citado em Negreiros, 2008, p.45) sustentou que a relação idade-crime varia e que um grupo relativamente pequeno de criminosos crônicos não desiste do crime com a idade (Negreiros, 2008).

A relação entre a taxa de crimes e a idade, ou seja, a curva idade-crime, mostra-nos que é durante a adolescência que as taxas de incidência e prevalência atingem os valores mais elevados. Segundo Negreiros (2008), existem duas abordagens distintas quanto ao estudo da relação entre idade e delinquência. Uma abordagem, de pendor determinista, denominada de teoria da *propensão criminal*, defende um efeito direto e invariante da idade no crime, independente de outras variáveis. Uma segunda orientação preconiza uma relação entre idade e crime mediada por características pessoais e condições sociais específicas, sublinhando a importância das características individuais, dos acontecimentos de vida e dos contextos sociais, numa abordagem denominada das *carreiras criminais* (Negreiros, 2008, p.47).

Com base no modelo das *carreiras criminais*, e relativamente à controvérsia gerada a propósito da relação entre a idade e delinquência (curva idade-crime), Farrington (1986) explica que é a participação (prevalência) que diminui com a idade, ou seja, diminui o número de desviantes e não a atividade desviante nos indivíduos. Assim, verifica-se que os indivíduos que continuam ativos mantêm a mesma frequência de delitos (Negreiros, 2008).

“Este conceito refere-se a uma sequência temporal de atos criminais cometidos pelo indivíduo, contemplando uma evolução ao longo da vida, com um começo, um fim e uma determinada duração” (Negreiros, 2008, p. 47). Farrington (1990), mostrou a necessidade de se examinarem as características das trajetórias delinquentes individuais e revelou, ainda, que

os fatores responsáveis pelo início da delinquência poderão ser diferentes das influências que determinam o processo de manutenção e desistência do crime (Negreiros, 2008, p.47).

Nas últimas três décadas, os estudos contemporâneos adotaram uma perspectiva desenvolvimental, revelando a importância de se seguir um grupo de crianças até à idade adulta, através de estudos longitudinais. Fréchette e Le Blanc foram dois dos mais importantes autores que introduziram a abordagem desenvolvimental no estudo da delinquência, servindo de base e de inspiração a diversos outros estudos e autores.

2.4. Tipos de conduta delincente –Fréchette e Le Blanc

A comparação sistemática das formas de conduta delincente ao longo do tempo (estudos longitudinais com adolescentes realizados no Québec, nos anos 70) permitiu a Fréchette e Le Blanc (1987) identificar três tipos fundamentais de atividade delincente durante o período da adolescência, tendo em conta o peso maior ou menor de cada tipo de fatores: a *conduta delincente de ocasião*, a *conduta delincente de transição* e a *conduta delincente de condição*.

A *conduta delincente de ocasião* é uma conduta pouco grave, é própria de 45% dos adolescentes e remete para algumas infrações de natureza menor (pequenos furtos, vandalismo, etc..). Estas infrações estão concentradas num período de tempo limitado e tendem a desaparecer, são igualmente praticadas por rapazes e raparigas, e não existem diferenças entre classes sociais. Representam 9% dos atos delinquentes e 16% dos delinquentes que são detidos pela polícia. Tem o grupo de pares e as crises de adaptação psicossocial e familiar como fatores desencadeantes (esta delinquência também surge em jovens com uma socialização adequada).

A *conduta delincente de transição* (divide-se na modalidade explosiva e intermédia) distingue-se por um maior grau de gravidade, de duração, de volume e de diversidade. Observa-se em 45% dos adolescentes e está presente de uma forma mais duradoura (alguns anos), num volume mais elevado (três a cinco delitos por ano) e de maior gravidade (por vezes furto por arrombamento). Esta forma de delinquência corresponde a 40% dos atos cometidos por adolescentes e cerca de 25% dos atos conhecidos pela polícia. Na modalidade explosiva está associada a fatores familiares e na modalidade intermédia tem como fatores precipitantes a escola e as formas de ocupação dos tempos livres.

A última tipologia, a *conduta delincente de condição*, caracteriza-se sobretudo pela persistência e agravamento dos delitos. Inicia por volta dos 10 anos, progride das infrações menores para delitos maiores, até à idade dos quinze anos. Os atos são numerosos e

heterogêneos. Podemos classificá-la como uma *conduta delinvente de condição* “menor” quando estão presentes delitos contra bens e não evolui para delitos contra pessoas. Apresenta-se como *conduta delinvente de condição* “maior” quando é volumosa, heterogênea, contínua e precoce, estabelecida aos 15 anos, semelhante a uma conduta delinvente adulta grave: roubo, assalto à mão armada, etc. Este tipo de conduta delinvente encontra-se em 5% da população, corresponde a 50% dos atos cometidos por delinquentes e a mais de 60% dos atos conhecidos pela polícia. Está associada a uma verdadeira subsocialização e uma dissocialização (Le Blanc, Ouimet, Szabo, 2008).

2.5. Trajetórias desenvolvimentais –Moffitt

A teoria de Moffitt (1993) indica que a delinquência pode ser melhor compreendida considerando duas trajetórias desenvolvimentais distintas, com base na idade de início da trajetória. Na primeira, temos ofensores com uma trajetória persistente (no original, *life course-persistence offenders*), que designaremos de *comportamento antissocial persistente* (Nogueira, 2007), na qual os sujeitos continuam a cometer delitos em diferentes situações e condições. Segundo a autora, exibem normalmente problemas neurológicos em criança, tais como temperamento difícil, déficit de atenção ou hiperatividade no 1º ciclo e dificuldades de aprendizagem nos anos posteriores. Algumas destas crianças podem acumular défices ao nível da capacidade crítica e da resolução de problemas quando chegam à idade adulta. Ao longo da sua vida cometem uma grande diversidade de atos violentos e, quando crianças, falham as oportunidades de adquirir e praticar competências pró-sociais e interpessoais, nomeadamente, porque são rejeitadas e evitadas pelos pares e porque os cuidadores geralmente desistem delas (Bartol & Bartol, 2012). Habitualmente, acumulam desvantagem social o que pode ser vivido com revolta e exacerbação interior e ser exprimido com o início da trajetória desviante séria e grave. Segundo os dados existentes, constituem cerca de 5 a 10 % da população delinvente juvenil masculina (Moffitt, Caspi, Dickson, Silva, & Stanton, 1996 in Bartol & Bartol, 2012).

A maioria dos delinquentes pertence a outra categoria - começam a delinquir na sua adolescência e desistem por volta dos 18 anos. Os delitos perpetrados na adolescência emergem de fatores ambientais e da influência de pares e a ofensa tende a ser temporária. Moffitt designou-a de *delinquência limitada à adolescência* (*adolescent-limited offenders*). A história desenvolvimental destes jovens não é caracterizada por problemas de comportamento em idade precoce, como os anteriores manifestavam, mas a frequência e o nível de violência pode ser tão alto como a dos ofensores de início precoce. Não existindo durante o período da adolescência diferenças entre as duas taxonomias, não conseguiríamos discriminar uns dos

outros relativamente a um conjunto alargado de fatores de risco, ou seja, um profissional não conseguiria identificar facilmente a pertença ao grupo início precoce ou limitado à adolescência analisando apenas as detenções, autorrelatos ou informações recolhida junto dos pais sobre factos ocorridos na adolescência.

No entanto, o *ofensor limitado à adolescência* comete frequentemente transgressões que estão associadas a privilégios de adultos ou que demonstram autonomia face ao controlo dos cuidadores (Bartol, 2002, tal como citado em Bartol & Bartol, 2012). Envolvem-se em crimes instrumentais, dos quais podem obter benefícios e abandonam esses atos se porventura um ato pró-social for mais vantajoso, ou seja, aprendem rapidamente que seriam prejudicados e sofreriam consequências negativas se mantivessem a delinquência até à idade adulta. Ao contrário dos ofensores persistentes de início precoce, os ofensores limitados à adolescência aprenderam na infância a conviver com os outros. A literatura mostra-nos que a rejeição dos pares no 1º ciclo é um fator de risco muito importante para o desenvolvimento de comportamentos antissociais.

2.6. O desenvolvimento de uma conduta delinvente

As investigações sobre a conduta delinvente preocupam-se em descrevê-la através de parâmetros como a frequência, a variedade e a gravidade ou, ainda, descrevendo parâmetros evolutivos como a duração, a idade de início e a idade de desistência. A perspetiva desenvolvimental preocupa-se mais em apresentar os processos subjacentes à continuidade da conduta delinvente, procedendo ao estudo das mudanças da atividade ilícita à medida que o indivíduo cresce. Fréchette e Le Blanc (1988, 1989) propõem uma teoria do desenvolvimento da conduta delinvente que postula três mecanismos: a *ativação, o agravamento e desistência*.

A *ativação* é um processo que se refere ao desenvolvimento de atividades delituosas desde que se inicia até à forma como a sua persistência é assegurada e os dados sustentam que, quanto maior a precocidade da atividade desviante, mais abundantes, mais duráveis e mais variados eles serão. Os mecanismos de *estabilização* (duração), *aceleração* (frequência) e de *diversificação* permitem compreender como os jovens se implicam na desviância.

Estes autores mostram que o efeito de *ativação* passa por diversas vias, a primeira via é a de *estabilização*: aqui a precocidade afirma-se como um fator de continuidade da conduta, nesta fase, as atividades ilícitas são persistentes mas não são necessariamente abundantes e/ou variadas. A segunda via é de *aceleração*: o aparecimento da ação delituosa, seja no início ou no meio da adolescência, passa a ser muito frequente, as atividades ilegais são numerosas,

mas elas não são necessariamente variadas e/ou duráveis. A terceira via é a de *diversificação*: a precocidade favorece o grau de diversidade delituosa, as atividades são heterogêneas, mas não são necessariamente abundantes e/ou duráveis. Finalmente, a quarta via, a mais criminógena de todas, toma forma a partir da interação entre a duração, a frequência e a variedade, e tem como base o início precoce. Os delitos são precoces e tornam-se abundantes, variáveis e duráveis, devido ao efeito dinâmico das suas interações. Desta forma, consolida-se uma delinquência crônica (Le Blanc, Ouimet e Szabo, 2008).

O **agravamento** pode definir-se como uma sequência de desenvolvimento do comportamento desviante que se inicia nas infrações menores e progride até aos delitos contra a pessoa. Esta sequência representa um padrão de desenvolvimento pelo qual passam os sujeitos que se orientam para uma delinquência significativa. Os dados mostram, por um lado, que os tipos de delitos parecem encadear-se de forma específica segundo a idade de início, a duração e a idade de desistência da atividade delituosa. Por outro lado, os tipos de delitos cometidos, a frequência, a gravidade e a violência das atividades ilícitas mudam à medida que a idade aumenta. A conclusão que se tira é a de que existe uma sequência específica de delitos durante o desenvolvimento da atividade delituosa.

Os autores apresentam 5 estádios que emergem da sequência de desenvolvimento da atividade delituosa, formando uma sequência invariável (fig. 2), eles são o 1) *aparecimento*, 2) *exploração*, 3) *explosão*, 4) *conflagração* e 5) *expansão*.

No estádio (1) *aparecimento*, entre os 8 e os 10 anos, as atividades delituosas são homogêneas e pouco graves (e.g., contar mentiras aos pais e professores). No estádio (2) *exploração*, entre os 10 e os 12 anos, há uma diversificação e um agravamento dos delitos, essencialmente, pequenos furtos, roubo a lojas e vandalismo. No estádio (3) *explosão*, por volta dos 13 anos, há um aumento da variabilidade e agravamento dos delitos e novos tipos de delitos que se manifestam: furto, desordem pública, furto com arrombamento e roubo, sendo o furto com arrombamento o delito que sustenta a expansão desta fase, pela sua maior longevidade. No estádio (4) *conflagração*, por volta dos 15 anos, há um aumento da heterogeneidade, da variedade e da gravidade, quatro tipos de delitos vêm consubstanciar esta amplificação: o comércio de drogas, o furto de veículos a motor, o roubo e a ofensa à integridade física. No estádio (5) *expansão*, que se manifesta durante a idade adulta, dá-se uma progressão para as formas mais astuciosas e mais violentas do agir delituoso, assalto à mão armada, a violação ou o homicídio.

O processo de **desistência** é função da durabilidade, variedade, gravidade e frequência da atividade criminal, o que quer dizer que, quanto maiores estes parâmetros, mais a

desistência é passível de se produzir por um efeito de saturação. Três mecanismos compõem o processo de desistência: *desaceleração*, *especialização* e *a saturação*. A *desaceleração* refere-se à relação entre a frequência e o término da atividade delituosa - ao longo do tempo o indivíduo vai reduzindo a frequência e intensidade dos crimes cometidos, até parar completamente. Este processo é particularmente visível no ano que antecede o abandono da “vida criminal” (Manita, 1998).

A *especialização* refere-se à diminuição do grau de variabilidade dos delitos quanto mais se aproxima a idade de suspensão da atividade criminal. A *saturação* refere-se à situação em que o delincente chega ao limite pessoal do agir delituoso (Le Blanc, Ouimet, Szabo, 2008).

2.7 Trajetória desviante segundo uma perspectiva fenomenológica

Inscrevendo-se numa perspectiva fenomenológica (Brunelle, Cosineau e Brochu, 2002) e procurando compreender a desviância juvenil como um processo, os autores desta linha recorrem à noção de trajetória porque ela permite focar-se na experiência e na evolução cronológica.

Os estudos anteriores baseavam-se, sobretudo, no estudo do desenvolvimento de trajetórias desviantes, tendo em conta a natureza, diversidade e gravidade das ofensas na trajetória de vida. Graças a esses estudos, de natureza quantitativa, ficamos a saber que: (1) a acumulação de fatores de risco aumenta a probabilidade de iniciação e persistência de comportamentos desviantes (Loeber et al., 1998); (2) a precocidade dos problemas de comportamento está fortemente associada à persistência e à gravidade desses comportamentos desviantes (Fréchette et Le Blanc, 1987); (3) as formas de delinquência menos graves antecedem, geralmente, formas de delinquência mais graves (Le Blanc 1994); (4) a delinquência tende a reduzir no fim da delinquência para uma maioria de jovens transgressores (Fréchette et Le Blanc, 1987); (5) as trajetórias desviantes são caracterizadas por um processo estático e um processo dinâmico do comportamento criminal (Sampson et Laub 1993).

Alguns destes estudos conduziram à identificação de tipologias nas trajetórias desviantes, baseadas nos comportamentos ou na sua evolução. No entanto, ao centrarem-se na evolução e na descrição dos atos desviantes ao longo da trajetória, muitos desses estudos não conseguem associar a esta evolução o contexto no qual se desenvolvem esses comportamentos, assim como, não tiveram em conta a interação entre o indivíduo e o contexto (Brunelle, Cosineau e Brochu, 2002b).

A partir de uma amostra de jovens institucionalizados, Brunelle, Cosineau e Brochu (2002a) procuraram estudar a evolução de estilos de vida desviantes - identificando os significados e emoções associados a determinadas circunstâncias da vida. Concluíram que, antes das primeiras experiências de delinquência e de consumo de drogas, os jovens relatam sentimentos negativos, como rejeição, culpa e desprezo, associados a situações desagradáveis em que estão envolvidos. O envolvimento inicial na delinquência está muitas vezes associado ao prazer (e.g., procura de sensações, curiosidade e solidariedade) e ao desenvolvimento de uma autoestima positiva (e.g., mostrar/provar que se tem coragem e não se tem medo).

A intensificação do estilo de vida desviante parece estar ligada à interpretação que os jovens fazem de certos eventos e aos significados que lhes atribuem. Verifica-se o consumo recorrente de drogas como forma de esquecer quer os problemas quer o comportamento desviante. Pode verificar-se uma intensificação como forma de reagir/confrontar/lutar perante experiências de vitimação (abuso sexual), humilhação (abandono), dificuldade ou culpa (separação dos pais). De realçar a interpretação feita pelos jovens – associam a perceção negativa de determinados acontecimentos à (consequente reação de) prática de delitos.

Os pontos de viragem aparecem frequentemente no discurso dos jovens, o relato de muitos jovens gira em torno de um acontecimento importante que funciona como um ponto de viragem no sentido de um estilo de vida mais desviante. O impacto destes acontecimentos depende da sua natureza, de quando ocorrem e, principalmente, de como são interpretados pelos jovens.

3. Um modelo teórico integrador: A teoria geral do sujeito autopoietico

A Teoria Geral do Sujeito Autopoietico (TGSA) foi desenvolvida por C. da Agra (1986, 1989, 1990, 1991, 1994) e operacionalizada para o estudo do comportamento transgressivo por Manita Santos (1998). Segundo Agra (idem) o comportamento transgressivo não é passível de ser linearmente determinado, é antes um comportamento complexo he-auto-determinado que emerge quer de constrangimentos biopsicossociais quer da autodeterminação. A personalidade é entendida como um sistema vivo auto-organizado. O crime é estudado enquanto comportamento desviante que configura uma trajetória espaço-temporal, uma história biográfica, única, do ator social que o pratica. Preconiza-se, por isso, a leitura processual da realidade, rejeitando o modelo positivista enquanto grelha de leitura para conhecer o fenómeno da delinquência juvenil.

Uma das ideias centrais deste modo de explicação é a de que o tempo intervém na construção social do fenómeno, intervém no indivíduo e nos seus sistemas biopsicossociais, originando uma história de vida particular. Daí, a importância de conhecer a história de vida do indivíduo. A perspetiva biográfica é imprescindível para “colher” esses processos, no sentido de analisar as mudanças de estado, ou seja, as fases de evolução de um fenómeno no tempo “*e os diferentes estilos de vida que dão sentido a essa evolução*” (Agra, 2008). Através da noção de processo (englobando tempo, contexto, estrutura) podemos estudar as flutuações de um sistema complexo.

O conceito de ator social remete para a sociologia dos anos 80 e para Touraine (1982). Esta abordagem sublinha as capacidades de iniciativa, de autonomia relativa, de escolha pelo raciocínio e pela deliberação, por parte do sujeito/ator, pondo em jogo os conceitos de liberdade e de responsabilidade no campo da ética e retirando o indivíduo das leituras rígidas e estereotipadas das classes e do seu estatuto de pertença.

A perspetiva do ator social, segundo Fernandes (2008), coloca o adolescente no centro da questão, não como objeto - agressor ou vítima suburbano - mas como um agente capaz de escolhas (ainda que pareçam difíceis, novas e estranhas), de organização e gestão da sua vida (ainda que pareçam pouco atraentes). Isto significa que, ainda que mergulhado numa carreira desviante grave ou num estilo de vida criminal, o indivíduo pode alterar o curso do seu percurso. O discurso da vítima e do agressor é um discurso que desumaniza e desiste da dignidade humana, pois transforma estes jovens, ora em seres determinados pelas privações do meio, ora em reféns de vícios e comportamentos agressivos (idem).

O sujeito psicológico é conceptualizado por C. Agra (1986, 1989, 1990, 1991, 1994) como um sistema complexo, auto-organizado, constituído por três sistemas inter-articulados: **sistema de personalidade, sistema de ação (etoético) e sistema de significação**. Assim, o próprio sujeito é pensado como um sistema complexo e não apenas como imerso em sistemas, e a sua análise, como a de qualquer outro sistema, deve compreender os níveis estrutural, organizacional, funcional e desenvolvimental.

O primeiro dos sistemas a ser descrito é o **sistema da personalidade**, este é formado por “diversos subsistemas ou estratos intercomunicantes, ordenados numa estrutura hierárquica dentro da qual estabelecem entre si relações funcionais e de interdependência mútua” (Agra, 1986c, 1990a, tal como citado em Manita, 1998). Os estratos constitutivos do sistema da personalidade são sete e devem ser conceptualizados sob a forma de uma espiral de inter-circularidades múltiplas e não em degraus ou patamares sequenciais. Eles são os estratos

neuropsicológico, psicossensorial, expressivo, afetivo, cognitivo ou epistémico, experiencial e político (idem).

O **sistema de ação**, ou etoético, está em relação direta com o sistema de personalidade e é um subsistema responsável pela orientação da ação. Também é estruturado por diversos estratos, composto por diferentes conjuntos de ações: psicobiológicos, simbólico-expressivos, afetivos, cognitivos e críticos. A inter-relação complexa entre diferentes estratos do sistema dá origem a duas propriedades emergenciais do sistema: *a emergência do ético* e *a emergência do psíquico* (Manita, 1998, p. 313).

No sistema de ação, tal como no sistema da personalidade, cada estrato funciona como substrato do estrato seguinte e integra o substrato anterior. Verificam-se 4 estratos: 1) *ações psicofisiológicas*, regidas, quase exclusivamente, pelo sistema nervoso central, (e.g. ver, respirar, produzir sons); 2) *ações ao nível da expressão e da cognição*, o que implica uma integração do psicofisiológico com um significado (e.g., a linguagem); 3) *ações ao nível da relação e da “promessa”*, onde existe um contrato implícito com o outro, o que implica comunicação (e.g., a solidariedade social, a manifestação do amor ou da conflitualidade); 4) *ações ao nível teleológico/político*, transcender-se em relação ao mundo, realizando um ato de transformação que finaliza o indivíduo no mundo (e.g., ação de Nelson Mandela na luta contra o regime do apartheid). Assim podemos identificar quatro níveis no sistema etoético, relativamente à genealogia subjetiva e psicológica da moral: 1) o *nível etológico*, do ethos, ou seja, factual, o simples fazer, a ação pura e descritiva governada pelo estrato fisiológico; 2) o *nível etológico-ético*, no qual o ato puro é integrado tecnicamente, implica o saber sobre as circunstâncias do ato, ou o fazer-saber; 3) o *nível ético-etológico*, no qual o sujeito emerge a partir do ato como seu autor, autorreferencial, é o saber do saber-fazer através da cognição, do pensamento, da lógica e da coerência interna dos atos; e finalmente, 4) o *nível ético*, onde o ato assume uma função projetiva orientada pelo sujeito, é o ato-poder, a liberdade do agir. (Manita, 1998, pp. 313-314)

O sistema etoético é uma formação ascendente, do mais simples para o mais complexo, do ato concreto para o ato abstrato, mas sem uma linha de continuidade, mas antes vários níveis de integração que permita passar do facto ao ético. (Agra, 1990, tal como citado em Manita, 1998, p.315)

Antes de mais é necessário compreender a dinâmica entre a personalidade e ação - o jogo de inter-relação entre personalidade e ação: o sistema da personalidade é uma matriz ou possibilidade na origem da produção da ação, a ação é, assim, o conteúdo resultante desta, mas é da dobra de sentido sobre a ação, efetuado posteriormente pelo sistema da

personalidade, que emerge o psíquico, ou seja, da ação emerge o psíquico. Desta circularidade emerge o sistema de significação e os sentidos que o sujeito constrói para os seus atos e experiências. (Manita, 1998, p. 315)

O **sistema de significação** (Agra, 1990) estrutura-se de forma narrativa, tendo em conta as diversas formas de apreensão, tradução, construção e relação com o mundo, no qual é autor. Assim, a transgressão obedece a uma lógica e a uma coerência sistémica e o transgressor é o ator social que, partindo das suas determinações biopsicossociais, construiu ativamente realidades, significações e finalidades para a ação transgressiva.

Os planos de significação resultam da relação entre o sistema da personalidade e o sistema da ação/etoético. Assim, um conjunto de possibilidades biopsicossociais (psicofisiológicas, expressivas, afetivas, cognitivas, experienciais e políticas) manifesta-se enquanto sistema de ações etológicas, eto-éticas, ético-etológicas e éticas, constituindo um plano de significação no mundo, a partir das mais variadas possibilidades de vida e de concretização do ser (Agra, 1990, tal como citado em Manita, 1998, p. 316).

São 4 os planos de significação: 1) *plano ontológico* – emerge da relação psicobiológico/etológico, manifesta-se através da lógica dos factos, “o que é, é”; 2) *plano deontológico* – resulta da relação expressivo e afetivo/etológico-ético e manifesta-se pelo primeiro questionamento relativamente a si próprio, percebendo que os seus atos têm efeito no mundo, tal como o mundo tem efeitos sobre si; 3) *plano lógico* – emerge da relação do estrato cognitivo e experiencial/ético-etológico e manifesta-se pelo saber acerca do ato ou o saber fazer, pela demanda de um poder (controlo de si próprio) e de uma técnica (do saber sobre o fazer) que resulta numa filosofia da ação; 4) *Plano Teleológico* – resulta do estrato experiencial e político/ético, manifesta-se por um modo de significação que projeta o psicológico no social e no metafísico. (Manita, 1998, p. 316)

Esta grelha de leitura foi aplicada por Agra (1990,1994) ao fenómeno transgressivo, dando origem a quatro posições de significação transgressiva: 1) **Posição substantiva** – o comportamento transgressivo é assim e não pode ser de outra forma ou ter outro sentido, o ato etológico não tem intencionalização nem lógica, como se fizesse parte da sua natureza; 2) **Posição Solidária** – manifesta-se como uma significação orientada pelas regras do grupo, é o fazer assim porque é assim, que os outros fazem; 3) **Posição Solitária** – manifesta-se por uma significação pessoal, finalizada, intencionalizada e autodeterminada por projetos pessoais transgressivos; 4) **Posição Projetiva** – manifesta-se por uma significação em que o sujeito se projeta de forma transcendente no mundo e a transgressão assume uma dimensão para além

do ato, agindo de acordo com um projeto global, descentrado do indivíduo e que visa a transformação social ou histórica. (Manita, 1998, pp.317 -321)

Parte II

Estudo Empírico

Introdução

Neste ponto apresentaremos o estudo empírico realizado junto de 15 jovens institucionalizados em centros educativos, instituições da Direção Geral de Reinserção Social (DGRS), com os objetivos abaixo indicados, assim como à discussão dos resultados obtidos.

1. Objeto e objetivos de estudo

O objeto de estudo desta investigação são as trajetórias desviantes de jovens judicializados. Pretendemos, mais concretamente, estudar os processos de desenvolvimento e de significação dessas trajetórias. Os nossos objetivos mais específicos são: (1) compreender o processo de desenvolvimento da trajetória desviante, analisando de que forma os participantes explicam o processo de iniciação e progressão/implicação num estilo de vida desviante; (2) analisar que acontecimentos ou fatores são identificados pelos participantes como mais preponderantes/influentes na trajetória desviante; e (3) aceder aos significados que lhes atribuem.

2. Metodologia de estudo

Como referimos anteriormente, existem inúmeros e importantes contributos alcançados por diversos estudos sobre trajetórias desviantes e delinquência juvenil, mas estes estudos estavam sobretudo focados na evolução do comportamento delituoso, estabelecendo parâmetros como a frequência, duração e diversidade (Le Blanc, 1987). O âmbito do nosso estudo estende-se aos significados dos atores, pretendendo-se aceder à história de vida, à interação entre contexto e ator, ao discurso, aos significados e sentidos atribuídos à desviância.

É nossa convicção que se pode aprofundar e aperfeiçoar o conhecimento sobre este fenómeno fazendo uso de métodos qualitativos. Podemos aproximar-nos do conhecimento sobre os processos de significação de uma trajetória desviante e, assim, compreender como se desenvolvem. A temporalidade e a intencionalidade são pressupostos centrais na TGSA. O termo temporalidade está implicado na noção de processo e de trajetória, enquanto a noção de intencionalidade emerge na noção de significação da ação e dos acontecimentos. Para compreender a desviância é necessário aceder aos significados e ao processo de

desenvolvimento da trajetória - temos que nos aproximar do ator social, ouvi-lo, compreendê-lo.

Enquanto os dados quantitativos conduzem a comparações e generalizações mais precisas, os dados qualitativos fornecem a base para elaborações, interpretações e novas ideias (Morse, 1992, tal como citado em Manita, 1997, p.28).

A metodologia utilizada neste estudo privilegiou o recurso a análises qualitativas, como métodos mais eficazes para nos aproximarmos dos significados, processos e comportamentos em estudo. Esta abordagem facilita, ainda, pela sua natureza, o discurso dos sujeitos sobre comportamentos que, além de íntimos, são estigmatizados e marginalizados, suscitando maior desconforto e resistências nos participantes.

É, fundamentalmente, uma opção que tem em conta o caráter fenomenológico de que queríamos revestir o nosso estudo e uma escolha epistemológica, uma vez que se procura, aqui, a interpretação e a compreensão em profundidade do fenómeno. A fenomenologia interpretativa não se concentra apenas no comportamento e nos eventos, mas também, e sobretudo, nos seus significados, "incluindo a cognição, os afetos, as intenções" das pessoas envolvidas (Maxwell, 2005, tal como citado em Miner-Romanoff, 2012, p. 9).

A investigação qualitativa inscreve-se no âmbito da fenomenologia e da hermenêutica, está associada ao estudo aprofundado da experiência, da ação, do discurso e do significado. Recorre-se, não aos meios estatísticos, mas à interpretação dos dados. Nesse sentido, a investigação começa por ser do tipo exploratório, pois não se parte de hipóteses prévias, nem se procura a sua verificação, parte-se ao conhecimento sobre um fenómeno, da sua descrição e análise e é ao longo do processo de investigação que surgem as hipóteses (Fonte, 2005).

No sentido de atingir os objetivos deste estudo recorreremos, mais concretamente, aos métodos biográficos, através da recolha de biogramas e das histórias de vida dos sujeitos, que nos permitem compreender os significados e os sentidos que os participantes atribuem aos seus acontecimentos de vida, assim como os processos subjacentes ao estilo de vida desviante.

Segundo Agra e Matos (1997), as metodologias biográficas tornam possível enquadrar um "comportamento problema" na sua história de vida. O *Biograma*, como poderemos verificar mais adiante, assenta num método biográfico e narrativo.

O método biográfico, segundo Ferrarotti (1979), atribui à subjetividade um valor de conhecimento. A subjetividade resulta de um olhar sobre o fenómeno do ponto de vista do indivíduo e das suas interpretações ou leituras do real. "Uma narrativa biográfica não é um relatório de «acontecimentos», mas sim uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza

sinteticamente a sua vida (a biografia) e a interação social em curso (a entrevista) por meio de uma narrativa-interação” (Ferrarotti, 1979, p.27). A análise de uma narrativa conduz-nos à hermenêutica (compreender e interpretar) de uma interação.

Nas abordagens narrativas o ser humano é concebido como “construtor de significados”, tendo o privilégio de possuir a capacidade de contar histórias acerca da sua existência, organizando de forma coerente a diversidade de experiências num corpo dotado de sentido para o sujeito e partilhável com os outros. Desta forma, constrói novos significados e novas formas de interpretação das experiências vividas (e.g., Bruner, 1990; Gergen & Gergen, 1988; Gonçalves, 2000; Manita, 2001).

Em suma, a metodologia qualitativa é uma abordagem que procura analisar e compreender a complexidade, regularidade e variedade das significações enquanto processos subjacentes a um fenómeno. Colocando e reconhecendo o ator como figura central dos processos de construção social. As circunstâncias e eventos de vida são, como todos os outros fenómenos, constantemente construídos e reconstruídos e o acesso a esse processo só é possível através de uma abordagem naturalista, fenomenológica e interpretativa que aceda às perspetivas do ator (e autor) em desenvolvimento.

3. Amostra

Neste estudo, a amostra foi selecionada tendo em conta a informação que os sujeitos poderiam facultar, de acordo com os objetivos da investigação, tomando-os como “peritos experienciais” (Morse, 1994). É, portanto, uma amostra intencional e teórica, que segue os princípios das metodologias qualitativas, preocupando-se com a significatividade, a experiência, o contributo dos sujeitos para o aprofundamento do conhecimento sobre um fenómeno específico (critério interno), e não com a representatividade estatística (critério que define o número de participantes representativos de uma determinada população), como acontece nas metodologias quantitativas (Minayo, 1999; Morse, 1994; Strauss 1967).

A nossa amostra é, assim, constituída por 15 jovens institucionalizados a cumprir medidas tutelares educativas de internamento em centro educativos: 5 jovens encontravam-se no Centro Educativo de Santa Clara e cumpriam medida tutelar educativa de internamento em regime aberto, 5 jovens encontravam-se no Centro Educativo de Santa Clara e cumpriam medida tutelar educativa de internamento em regime semiaberto e 5 jovens encontravam-se no Centro Educativo dos Olivais e cumpriam medida tutelar educativa de internamento em regime fechado.

Os participantes, todos do sexo masculino, apresentavam idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos, com uma média de 17,3 anos, e um nível de escolaridade baixo, situado ao nível do 2º ciclo (13). Eram provenientes de diferentes zonas habitacionais do país: Lisboa (6), Porto (3), Aveiro (2), Santarém (2), Braga (1) e Setúbal (1), residentes em meios suburbanos (10), urbanos (1) e rurais (4). Quanto ao nível socioeconómico (NSE) dos sujeitos, encontramos maioritariamente jovens que provêm de famílias com baixos rendimentos (12), um jovem cuja família auferia altos rendimentos e dois participantes inseridos em famílias com rendimentos que se caracterizaram como médios.

Quanto à família, apenas seis participantes referem ter permanecido durante todo o seu percurso de vida com os pais e irmãos, tendo os restantes passado por ruturas familiares, colocações em instituições e/ou integração noutros núcleos familiares. Os participantes caracterizam a sua família recorrentemente de forma negativa, identificando: problemas conjugais entre os pais (11), pais separados (9), integrar um novo agregado por separação dos pais (9), ser exposto a violência doméstica (8), existirem problemas de toxicod dependência ou consumo excessivo de álcool em, pelo menos, um dos progenitores (8), sentir a ausência dos pais (7), vivenciar situação de institucionalização ou acolhimento em família (7), existência de, pelo menos, um familiar na prisão (6). Da mesma forma, caracterizaram o seu meio de origem como uma zona problemática, associada ao crime (9), e referem a existência de dificuldades económicas, tendo, pelo menos, um dos pais desempregados (10) e sentindo falta de bens e serviços básicos (9). Não obstante, consideram sentir-se bem no meio onde habitam (10).

4. Procedimentos

A aplicação dos instrumentos utilizados neste estudo careceu de um pedido de autorização, dirigido no início da investigação, por escrito, à DGRS, considerando que a amostra selecionada é constituída por jovens a cumprir medida tutelar educativa de internamento em centros educativos.

Tendo que aguardar as respostas formais da DGRS, a recolha dos dados e a aplicação dos instrumentos teve início apenas em maio de 2012, tendo-se prolongado até junho de 2012. Os jovens selecionados foram informados do objetivo do estudo e foi-lhes explicado o método do *biograma*, sendo assegurados a confidencialidade e o anonimato dos dados. Foi-lhes apresentado, também, um formulário de consentimento informado. Após a obtenção da aceitação de colaboração voluntária e informada dos utentes no estudo, procedeu-se à recolha dos dados.

O primeiro passo consistiu na recolha de dados hetero-biográficos, através de análise documental dos processos destes jovens, sendo os dados transcritos para a “grelha de recolha de dados” por nós elaborada para este estudo (Anexo A). Posteriormente, recorreu-se a entrevistas semi-estruturadas, realizadas individualmente com cada jovem, que nos permitiram recolher informações biográficas complementares, não só para enriquecer a “grelha de recolha de dados”, como para dar início ao método aplicado posteriormente, o preenchimento do *biograma*.

5. Instrumentos

A grelha de recolha de dados hetero e auto-biográficos

A primeira tarefa que abraçamos para a construção do Biograma foi refletir sobre e escolher as dimensões que permitiriam estudar o fenómeno de forma a alcançarmos os nossos objetivos. Era importante construir uma grelha de recolha de dados que permitisse organizar a informação da forma mais detalhada possível. Após a revisão da literatura, e tendo como intenção promover uma leitura abrangente da trajetória de vida dos jovens participantes, escolhemos as seguintes dimensões: *Família/outros significativos*: onde se pretende perceber a formação do agregado familiar e a sua estrutura e função; *Relação com os pais*: com destaque para a afetividade e o aspeto relacional; *Relação com pares* – procuramos identificar a perceção que o jovem tem do grupo de pares; *Drogas e/ou álcool* – para estudar o desenvolvimento de consumos e abusos de drogas/álcool pelos jovens; *Meio/NSE*: caracterização do meio de origem; *Escola* – identificação da evolução escolar, da relação com a escola e das dinâmicas no meio escolar; *Delitos* – práticas delituosas, frequência, diversidade e modo de atuação; *Sistema de Justiça* – as formas e os meios da intervenção do sistema judicial junto do jovem; *Saúde* – historial e avaliação subjetiva das necessidades; *Institucionalização* – ruturas familiares, número e natureza dos contactos com as instituições e trajetória e dinâmicas da institucionalização; *Realizações pessoais* – principais motivações e feitos pessoais significativos para o sujeito; *Reação ao delito* – dinâmicas que resultam do conhecimento público dos delitos cometidos; *Tempos livres* – práticas e motivações, modalidades de gestão/ocupação dos tempos livres; *Contacto com a polícia* – perceção do jovem sobre a atuação policial; e *Relações amorosas* – estudo das dinâmicas afetivas e amorosas e relevância destas no percurso de vida (Anexo A).

O Biograma

O Biograma é, simultaneamente, um instrumento e um método, foi desenvolvido por Agra e Matos (1997), no estudo de trajetórias desviantes da relação droga-crime, tendo sido utilizado em investigação qualitativa e fenomenológica, na área do comportamento desviante (Manita, 1998), no estudo da toxicodependência (Manita, 1998, Tinoco & Pinto, 2001), no estudo de famílias realojadas (Lidchi, Tombs, Magalhães & Lopez, 2004) e da vitimação (Abreu, 2008, Cortez, 2009,). Este instrumento permite a análise e a interpretação das trajetórias de vida dos indivíduos, permitindo que cada sujeito represente o seu percurso de vida, salientando os acontecimentos mais significativos para si, com o objetivo de cruzar, posteriormente, estes acontecimentos e aceder a eles através de uma visualização esquemática, em que o indivíduo nos apresenta a sua história, os significados e perceções que lhe atribui.

A aplicação do Biograma comporta dois métodos complementares: o método de análise documental e de análise de conteúdo de narrativas (Agra e Matos, 1997; Manita 1998, Tinoco & Pinto 2001; Abreu, 2008; Carmo, 2009). Numa primeira fase da aplicação do Biograma realizou-se uma análise documental, para recolha de dados hetero-biográficos nos documentos facultados pela DGRS, nomeadamente, os contidos no dossier individual e no dossier jurídico (e.g., *Ficha de Acolhimento, Projeto Educativo Pessoal, Relatórios Sociais, de Avaliação Psicológica ou Perícias à Personalidade, Peças Processuais, Relatórios de âmbito escolar ou redigidos por outras instituições sobre o ator e Notas de Participação Policial*). Estes dados serviram para o preenchimento da nossa grelha.

De seguida, e já numa segunda fase, procedemos ao preenchimento do *biograma*, que contempla, em cada linha horizontal, diferentes áreas da vida dos jovens (família/outros significativos, relação com os cuidadores, relação com pares, drogas e álcool, Meio/NSE, escola, delitos, sistema de justiça, saúde, institucionalização, realizações pessoais, relações amorosas, tempos livres, contacto com a polícia e reação ao delito), organizadas temporalmente e preenchidas de acordo com um sistema de cores e símbolos. De maneira a facilitar a leitura do biograma, foi criada uma legenda específica, a qual pretende indicar acontecimentos significativos para a própria pessoa, em cada idade particular.

Numa terceira fase, o gráfico foi apresentado a cada jovem, e discutido com este, no sentido de confirmar se o mesmo representava, efetivamente, a sua trajetória de vida e os principais eventos que a marcaram, procedendo, se necessário, a retificações.

Foi pedido a cada jovem que identificasse fases ou períodos que caracterizassem a sua trajetória de vida (ou não, no caso de considerarem que a sua vida se caracterizava pela

continuidade). Depois de assinaladas estas fases, pelos próprios participantes, na folha do *biograma*, foi-lhes pedido que denominassem cada uma, de modo a que cada “título” traduzisse o essencial do que foi aquele período das suas vidas. Este é um dos “momentos centrais na desocultação e trabalho dos sentidos que o sujeito atribui a cada momento ou ciclo fundamental da sua existência, da sua experiência de vida” (Manita, 2001, p.67). Nesta fase foram discutidos, com cada jovem, os diferentes factos e processos por ele identificados ao longo do *biograma*, bem como os significados a estes atribuídos. Em conclusão, foi elaborada, por cada participante, oralmente ou por escrito, uma narrativa que sintetizasse a sua história de vida e os sentidos dominantes, centrando-se numa área específica ou na globalidade da sua história de vida (idem.).

Durante a entrevista, a atitude do entrevistador foi a de questionar de forma abrangente a sua história de vida, mostrando interesse pelos mais diversos aspetos que eram focados pelo jovem, entendido como o especialista que sabe efetivamente como foi a sua vida e quais os sentidos e determinantes do seu percurso existencial. Para evitar resistências, principalmente quando se procura conhecer os significados subjacentes a um comportamento e processos desviantes, a atitude do entrevistador foi de total respeito pela intimidade e pelos constrangimentos do ator, colocando-se ao seu lado, numa atitude de empatia perante os acontecimentos, sentimentos que são confiados.

Por fim, realizou-se uma análise de conteúdo das narrativas produzidas sobre a trajetória de vida e o Biograma. A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam aos mais variados discursos, assente na interpretação e na compreensão. Pode ser descrita como “uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (Berelson, 1952, como citado em Bardin, 1977, p. 38).

Bardin (1977) propõe, para a análise de entrevistas, uma metodologia que contempla dois níveis de análise, em duas fases sucessivas. O primeiro nível centra-se na compreensão da fala individual de cada sujeito e da sua organização interna, enquanto o segundo nível se reporta a uma transversalidade temática das várias entrevistas.

O objetivo principal da análise de conteúdo é, então, produzir inferências a partir de um conjunto de mensagens: (1) podemos verificar que determinadas mensagens podem conter significados partilhados por outros e (2) podemos verificar uma estrutura ou um conjunto de significações que permitem uma descrição de processos que não conhecíamos previamente.

Para concretizar este objetivo é necessário proceder, entre outras etapas, a um exercício de organização dos conteúdos por proximidade semântica, ou seja, a proceder à categorização dos conteúdos das narrativas. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos (Bardin, 1977).

O primeiro tipo de análise por nós realizado foi precisamente de tipo categorial - as categorias são como gavetas ou classes significativas que permitem a classificação dos elementos do texto em razão de características comuns e devem obedecer às seguintes regras: devem ser homogéneas, exaustivas, exclusivas, objetivas e adequadas (idem).

Obtivemos, assim, no final do processo de análise dos dados, quer um conjunto de 15 Biogramas (representação gráfica) totalmente preenchidos (cf. modelo base do Biograma no anexo B e um exemplo de biograma da nossa amostra, que apresentamos e descrevemos de seguida), quer um conjunto de categorias temáticas que traduziam as ações, sentimentos, eventos de vida significativos, etapas da trajetória desviante e posições de significação dos jovens face a essa trajetória e face à vida, que nos permitiram produzir inferências sistemáticas sobre a evolução dos seus percursos delitivos, sobre os momentos chave destes percursos e sobre os diferentes tipos de trajetórias desviantes e significados associados.

Destes dados daremos conta mais à frente, remetendo uma análise mais pormenorizada das categorias encontradas para a leitura dos anexos D e E, pois as limitações de espaço impostas numa tese de mestrado impedem-nos de as apresentar e analisar todas aqui.

Antes de avançarmos para a apresentação e discussão dos dados, apresentamos um dos biogramas da nossa amostra, analisando-o, de modo a tornar mais explícito o processo analítico e inferencial por nós desenvolvido.

Quadro 1. Biograma (AC/SA/18) – Eduardo Garrido (2012), adaptado de Agra e Matos (1997)

Código – AC/SA/18	Esquecido					Tudo era Indiferente				Comer dormir		Desintegrado		Regras	Fui ter com o grupo XX							
	IDADE	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Meio/NSE	X/D	X/D	X/D	X/D	X/D	X/D	X/D	X/D	X/D	X	X	X	X	X	X	X	X					
Escola										X/R/M		R	R	M/G	X/G	X/G						
Família/significativos						VD				I	I			I								
Relação com cuidadores								EP	EP	EP			B/C		F	EP	A					
Relação com pares														X	G							
Drogas e/ou álcool																	I-H	H				
Delitos										AM						→/RT/LG/ OIF/F	FT /VD/ RFO/ T/X					
Institucionalização										X	⊗		X					CE				
Realizações pessoais																	€					
Relações amorosas																						
Sistema de Justiça																						
Saúde										I							H					
Tempos livres																						
Contato com a polícia																	∞					
Reação aos delitos														X								
IDADE	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	

Quadro 2. Biograma (Grelha de Codificação) - Eduardo Garrido (2012), adaptado de Agra e Matos (1997)

Meio/NSE	Família/significativos	Relação com Pares	Delitos	Institucionalização	Sistema de Justiça	Tempos Livres
X Zona problemática	Pais e irmãos	Amigos de Infância	→ Início	Más companhias	Equipa / DGRS	Desporto ou trabalho
RSI / Baixos Rendimentos	Avós/ adoção /outros	Inicio Drogas	AM Ameaça	☹ Sent. Negativos	CE Centro Educativo	Projeto comunitário
Ter menos direitos	I Acolhido/institucionalizado	Mais velhos	FT Furto	☺ Sent. Positivos	Acom. Educativo	Ficar pela zona
D Desemprego/pais	Irmãos	Más Companhias	AUT Furto automóvel	Fugas	Imp. de Obrigações	Sair à noite
Zona de Crime	Toxicodependência	Mudar amigos	VD Violação de domicílio	Transferência	Tarefas comunidade	Shopping
Sentir-se Integrado	Ausência pais	Poucos amigos	RT Roubar telemóveis	X Início	Admoestação	Estar com os amigos
Rural	M Morte de familiar	Sensações fortes	OIF Agressão	Dif. Adaptação	CPCJ / SS	
E Emprego/pais	Novo agregado	Compreendido	F Andar com faca		X Incumprimento	Contato com a polícia
Mudar de residência	VD Violência doméstica	Conhecer <i>Gangster</i>	RE Roubo por esticção	Realizações pessoais		Advertência
Faltaram-me coisas	Pais separados	Lutas entre Grupos	RFO Roubar fios de ouro	Nascimento filho	Saúde	∞ Detenção
€ Sem Dificuldades	P Familiar na prisão	Entrar Grupo/ <i>Gang</i>	RA Roubo com arma	Experiência sexual	Insónia/ Alimentação	X Conflito
	Problemas conjugais	S Sentir bem / aceite	S Sequestro	Ter imagem positiva	H Hiperactividade	Interrogatório
Escola	Relação com cuidadores	Drogas e/ou álcool	CJ <i>Carjacking</i>	Ter coisas caras	X Pedopsiquiatria	Rusga em casa
Faltar aulas	Afeto/ Investimento	Tabaco	VD Violação	Vestir Bem	Defensivo/agressivo	Ajuda
Ter Imagem negativa	x Conflito	I-H Início Haxixe	T Tráfico	Sair discoteca/ noite	Doença grave	Fuga com perseguição
Dificuldades de adaptação	F Fuga de casa	I-A Início álcool	LG Lutas entre Grupos	C Conduzir um carro	Medicação	Reação aos delitos
R Aproveitamento / retenção	Mentir aos cuidadores	Drogas duras	x Ter fama na rua	€ dinheiro/respeito	Consulta Psicologia	Castigos
Expulsão	B/C Educação Bater/Castigar	H Haxixe ocasional	Delito sozinho		A Acidente	Avisos de amigos
Boa relação escola	Abandono/ Negligência	H> Haxixe regular	Planeava tudo	Relações amorosas	D Deficiência	X Imagem positiva grupo
Problemas comportamentais	Maus Tratos	A> Álcool regular	Poucas vezes por mês	1ª Namorada	I Impulsividade	Perder a confiança
Queixa / sinalização	Agressão aos pais	A Álcool ocasional	Quase todos os dias	Ruptura		Conflito em casa
Abandono escolar	Autonomia	Diversão	Delito em grupo	Discussões c/ namorada		Controlo das saídas
M Mudar de escola / curso	R Autonomia	Esquecer /aliviar	> Roubar por vício	Felicidade		Mudança de habitação
PE Problemas na Pré escola	FC Distanciamento	Deixar o álcool	< Querer desistir	Nova namorada		Fugir de casa
X Agressão / ameaça	EP Educação permissiva	Deixar o haxixe		Gravidez		Sentimentos de culpa
G Grupo desviante		Drogas na Família		Pessoa amiga		Parar os Delitos
Sentir-se inferiorizado		Álcool na família				

As dimensões que consideramos no nosso modelo de biograma resultaram, não só das que estavam previstas no modelo original do biograma, proposto por Agra e Matos (1997), mas também da revisão de literatura por nós efetuada e dos estudos empíricos levadas a cabo por Andrews, Bonta e Hoge, dos quais deriva o instrumento de avaliação de risco e necessidades em jovens YLS/CMI (Hoge e Andrews, 2004), um dos mais utilizados atualmente na análise dos comportamentos e dinâmicas delinquentiais em jovens. Este modelo identifica oito fatores de risco centrais: delitos e medidas anteriores e atuais, contexto familiar/atitudes parentais; educação/emprego; relação com pares; consumo de substâncias; tempos livres; personalidade/comportamento e atitudes/orientação. Pareceu-nos importante incluir também fatores como o meio e o NSE, questões de saúde, a relação com os cuidadores, as experiências de institucionalização, as relações amorosas, a trajetória escolar, as realizações pessoais, o contato com a polícia e a reação social ao delito.

Para exemplificar o tipo de análise por nós realizada no plano individual, com base na qual procedemos, posteriormente, a uma análise comparativa e integradora dos 15 biogramas, de forma a tentar perceber se existiam trajetórias específicas de progressão na carreira desviante na nossa amostra, analisaremos de seguida o Biograma de um dos jovens.

Este biograma (cf. Quadro 1) revela-nos que este jovem vive numa zona problemática, integrado numa família com baixos rendimentos e desemprego dos pais, usufruindo de RSI (Rendimento social de Inserção). O jovem perceciona a sua vida em comunidade como “tendo menos direitos” que os outros. Os tempos livres são ocupados permanecendo no bairro, idas ao centro comercial e frequência de um projeto comunitário.

Relativamente aos aspetos relacionados com a saúde, é referido um problema de impulsividade que se manifestou e foi sinalizada aos 10 anos; aos 16 anos começa a toma de medicação e manifesta-se um problema de hiperatividade.

Quanto à escola, refere ter tido uma boa relação com a escola até aos 10 anos, a partir dessa idade começou a apresentar comportamentos de agressão e ameaça, acumulando retenções aos 10, 12 e 13 anos, acabando por mudar de escola aos 10 e aos 14 anos. Para além de ter aderido a um grupo desviante na escola aos 10 e, posteriormente, a outro, aos 14 anos, acabou por desenvolver uma imagem negativa da e na escola, os 15, assumindo ter dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, que abandonou. Aos 10 anos foi institucionalizado, nesse local protagoniza fugas, refere sentimentos negativos, vindo a ser transferido. Aos 12 anos regressa ao agregado, mas aos 14 anos é novamente institucionalizado, aos 17 anos dá entrada num centro educativo.

Quanto ao relacionamento com a família e outros significativos, o jovem refere a exposição a episódios de violência doméstica (pelos 6 anos), viveu com os pais e irmãos até aos 10 anos, posteriormente, foi institucionalizado, regressando ao agregado entre os 12 e 13 anos, sendo novamente institucionalizado aos 14. Importa referir, ainda, a presença de toxicod dependência na família durante os primeiros anos de infância. A relação com os cuidadores é caracterizada como permissiva, as estratégias educativas caracterizam-se pela prática de castigos físicos e instrumentais (12 anos), aos 14 anos inicia comportamentos de fuga e aos 16 adquire autonomia, afastando-se da família.

Relativamente aos pares, refere ter-se juntado a um grupo com comportamentos desviantes aos 14 anos e nessa idade ter conhecido “um gangster”, aos 15 anos afirma ter aderido a um gangue, sentir-se bem e aceite no seio desse gangue e, aos 16 anos, ter iniciado o consumo de drogas no seio do grupo. De acordo com o Biograma, iniciou o consumo de tabaco aos 13 anos, o consumo de haxixe aos 15 anos e o consumo regular de haxixe aos 16 anos. Analisando as relações amorosas: a primeira namorada surgiu aos 12 anos, identificou momentos de felicidade aos 14 anos e aos 16 anos, com a atual namorada, que ficou grávida aos 16 anos.

Quanto à conduta delituosa, esta foi iniciada com comportamentos de ameaça aos 10 anos, tendo as transgressões mais significativas tido início aos 15 anos, assumindo o jovem a prática de furtos, roubo de telemóveis, violação de domicílio, roubo de fio de ouro, tráfico, ofensa à integridade física, andar com faca, realizar delitos em grupo e ter fama na rua, a partir dos 16 anos. Referiu-se às realizações pessoais destacando o prazer de “vestir bem”, aos 12 anos, e ter dinheiro e sentir-se “respeitado”, aos 16 anos. Aos 17 anos, como atrás foi referido, dá entrada num centro educativo. A intervenção do sistema de justiça/proteção iniciou-se com a intervenção de uma CPCJ, a imposição de obrigações ocorre aos 16 anos, devido ao consumo de haxixe. Quanto aos contactos com a polícia, aos 14 nos era advertido e aos 16 foi interrogado e detido, realizando fugas com perseguição policial. Por fim, a reação social e judicial aos delitos origina a mudança de habitação, maior controlo das saídas e uma imagem positiva no grupo.

A análise individual e transversal dos 15 biogramas recolhidos e a análise de conteúdo das narrativas autobiográficas produzidas pelos jovens da amostra, permitiu-nos detetar

algumas regularidades que apresentaremos no ponto seguinte, procedendo a uma análise integrada das trajetórias e significados dominantes encontrados no conjunto da amostra².

² Dadas as limitações de espaço impostas nas teses de mestrado, apenas apresentaremos no ponto seguinte os dados relativos às trajetórias comuns e aos aspetos mais salientes das significações produzidas pelos jovens, não obstante a análise mais individualizada, e também muito rica, apresentada a título exemplificativo para apenas um dos jovens, tenha sido feita para os 15 biogramas e narrativas individuais associadas.

6. Resultados

Neste capítulo apresentamos os principais resultados obtidos após a análise e tratamento integrados dos dados recolhidos – serão apresentadas as principais temáticas emergentes da análise de conteúdo das narrativas dos 15 jovens, complementadas pela quantificação dos dados relativos às variáveis escolhidas para caracterizar e compreender o processo de desenvolvimento das trajetórias e do estilo de vida desviante dos sujeitos da nossa amostra, assim como as significações e trajetórias comuns encontradas a partir da análise comparativa e integradora dos 15 biogramas recolhidos.

6.1 Os organizadores de significado dominantes

Uma primeira constatação resultante dos dados foi a de que o discurso dos jovens participantes se organiza, essencialmente, em torno de sentimentos, seguindo-se a referência a ações, ambos organizadores e momentos-chave identificados pelos sujeitos na explicação da progressão da sua trajetória de vida. Na verdade, quando os participantes foram convidados a pronunciar-se sobre as fases e acontecimentos mais importantes da sua vida, referiram-se predominantemente aos sentimentos associados aos acontecimentos (11) e apenas uma pequena parte se reportou a factos concretos (4), tal como se pode verificar no quadro-síntese que de seguida apresentamos (cf quadro 3).

A análise aprofundada de cada narrativa e de cada biograma levou-nos à atribuição de um título a cada narrativa/história de vida, que permitisse apreender melhor os significantes dominantes no discurso de cada ator.

Quadro 3. Dimensão do discurso e título atribuído a cada narrativa

Identificação	Dimensão do discurso mais presente	Significante principal/título atribuído
AC_SA_18	Sentimentos	“Indiferença afetiva” (até conhecer a namorada)
BS_A_24	Factos	“Identificação desviante e Vingança”
CL_F_21	Factos	“Não confiar em ninguém”

DA_F_18_MCG	Sentimentos	“Isolamento”
DM_A_24	Sentimentos	“Poder/sentimento de pertença e identidade”
DM_F_10	Sentimentos	“Prazer/sentimento de pertença e identidade”
FM_A_12	Factos	“Isolamento/imagem negativa do mundo/outros/si”
FM_F_18	Sentimentos	“Socialização na violência”
GA_F_18	Sentimentos	“Abandono/Desviância como reação à desvinculação afetiva”
HD_SA_18	Sentimentos	“A marca dos maus tratos/procura de aceitação e estatuto”
JM_A_24	Sentimentos	“Abandono/separação”
JS_SA_18	Sentimentos	“Abandono”
MV_SA_18	Sentimentos	“Incompreensão/isolamento”
TP_A_24	Factos	“Procura de autonomia/estatuto”
RP_SA_24	Sentimentos	“Se não os podes vencer junta-te a eles...”

Quando comparamos as posições de cada sujeito entre si, verificamos alguma diversidade, mas há 3 temáticas/significações que se destacam: os sentimentos de abandono/separação e de isolamento (por vezes associados a experiências de maus tratos familiares); a adesão ao grupo de pares desviante ou envolvimento na desviância, como meio de se sentir integrado e aceite e como resposta à desvinculação afetiva e ao sentimento de

abandono precoce; a procura de poder e de prazer no comportamento desviante/grupo desviante.

Quando é pedida ao participante uma narrativa a partir da qual poderemos observar a sua construção de significados, apelamos a que este se coloque ao nível do estrato cognitivo do sistema de personalidade, de acordo com a TGSA (Agra, 1986, 1990), nosso referente teórico. Posicionado no estrato cognitivo, o participante articula e integra as dimensões mais perceptivas, os processos de mediação e o pensamento, englobando a perceção, a memória, o processamento, a ideação, a construção de significados e a narratividade, mas articula-as com os afetos. Na nossa amostra, os jovens procedem de forma dominante a uma integração afetiva do percurso de vida, operando sobre ela uma dobra de sentido de nível cognitivo. Parece-nos, por isso, importante realçar que o estrato afetivo do sistema da personalidade parece funcionar aqui como o elemento dominante de articulação entre o estrato expressivo (que permite a intencionalização afetiva) e o estrato cognitivo (que permite o enquadramento significativo das emoções), permitindo a ligação ao mundo e aos outros, através dos afetos e emoções (dominantemente negativos), integrados e significados cognitivamente e expressivamente numa ação que visa a conquista de poder, estatuto, sentimento de pertença e de aceitação, mesmo que estes sejam encontrados no desvio.

Parece ser, assim, ao nível da significação afetiva e da relação com o outro que o sistema da personalidade destes jovens se auto-organiza e se interarticula com os restantes subsistemas/estratos da personalidade e da ação.

Se tivermos em conta o organizador de significados/ação dominante na narrativa de cada jovem, percebemos que a dimensão afetiva é marcada, essencialmente, por aspetos emocionais negativos. As narrativas dos jovens indicam que a desviância ocorreu em resposta a uma situação interpretada como subjetivamente dolorosa – isolamento, abandono, separação, desvinculação, violência, etc. -, sentimentos que estão associados a acontecimentos que ocorreram na sua infância. Uma minoria de participantes centra o seu discurso apenas em factos concretos, como se operasse um bloqueio das emoções associadas aos eventos, substituindo-as por outros mecanismos de mediação de ordem perceptiva, determinantes para a forma como se relacionam com o mundo/os outros.

Os resultados aqui apresentados vão ao encontro dos encontrados por Brunelle, Cosineau e Brochu (2002a), quando referem que, antes das primeiras experiências de delinquência e de consumo de drogas, os jovens relatam sentimentos negativos associados a situações desagradáveis em que estiveram envolvidos.

Estes significados e níveis de integração do sistema de personalidade e ação surgem associados a diferentes tipos de evoluções/desenvolvimento das trajetórias desviantes dos jovens da nossa amostra.

6.2 Antes do início da trajetória desviante: a infância

A família, o meio de origem e o nível socioeconômico (NSE) parecem ter, neste período de vida, uma importância fundamental. Os resultados obtidos através do cálculo da médias e das frequências de referência dos diferentes conteúdos da grelha de dados mostram que apenas 4 dos participantes reconhecem ter sentido afeto e investimento por parte da sua mãe, enquanto 5 dos participantes referem o pai como uma figura pouco afetiva. A autonomia da família foi conquistada, em média, aos 12,5 anos. A educação recebida foi baseada em castigos físicos e na proibição de sair de casa ou de jogar computador. A maioria considera ter tido uma educação permissiva (12), afirma ter vivenciado situações de abandono e negligência por parte dos pais (9), com frequentes fugas de casa (9) e conflitos com a família (8). Quanto ao meio de origem e NSE, os participantes revelam que a família tem baixos rendimentos (10) e que os pais estão desempregados (10), afirmando que sentiram a falta de bens e serviços básicos (9) e que moram em zonas problemáticas (9).

Encontramos, a este nível, algumas regularidades - cerca de 11 jovens referem-se à sua infância de forma negativa (ver quadro 4), a maioria está diretamente envolvida em problemáticas familiares abusivas – negligência, abandono, separação, isolamento, institucionalização: *até aos 6 anos esqueci tudo, fase de “esquecer”*. *Aos 10 anos a minha mãe não tinha possibilidades financeiras e eu e mais dois irmãos fomos institucionalizados. Na 1ª instituição, não havia controlo nem regras, era “comer e dormir” (AC_SA_18)*. Outros, observam dinâmicas abusivas e conflitos no seio familiar: *“Dos 6 aos 11 foi sempre a “desgraçar ” (o comportamento piorou progressivamente). Em casa via o meu pai a bater na minha mãe e isso revoltava-me, coisas maradas, então, ia para a escola e quem se virasse para o meu lado caía (era agredido) (CL_F_21)*.

Finalmente, 4 jovens apontam para uma infância afetivamente gratificante – infância feliz: *até os 10 anos acho que tive uma boa infância. Depois vieram as “más companhias”, os amigos e a droga, fazia as coisas por gozo da adrenalina, nessa altura era uma criança (BS_A_24)*.

Com base nos dados obtidos, pudemos dividir os nossos sujeitos em três grupos com três vias de significação da infância distintas: (1) Os que “enfrentaram conflitos familiares”

que os afetaram negativamente e fizeram procurar recompensa, prazer, poder e sentido de pertença e identidade em grupos de pares desviantes mas apoiantes; (2) Os que “observaram conflitos familiares” e foram afetados por eles, desenvolvendo sentimentos negativos que os fizeram procurar excitação e aceitação fora de casa (num processo muito similar ao descrito anteriormente); e (3) os “que não experienciaram conflitos familiares” e parecem procurar a desviância e os grupos desviantes de forma instrumental/utilitária.

Através da análise de conteúdo das narrativas dos nossos jovens, conseguimos aceder a um conjunto de categorias que representam os três momentos fundamentais de evolução da sua trajetória desviante: infância problemática, envolvimento na desviância e progressão na trajetória desviante e/ou delincente.

Estes resultados, como já referimos anteriormente, aproximam-se dos resultados obtidos por Brunelle, Cosineau e Brochu (2002a), com uma dominância de sentimentos negativos associados à infância e, muito concretamente, à família, embora tivéssemos encontrado também, ao contrário daqueles autores, sentimentos positivos relacionados com a infância e a família em alguns dos jovens delinquentes da nossa amostra.

Parece-nos, importante destacar, a este nível que, segundo a tipologia de Moffitt (1993), os ofensores com *comportamento antissocial persistente*, quando crianças, falham as oportunidades de adquirir e praticar competências pró-sociais e interpessoais, em grande medida porque são rejeitadas e negligenciadas pelos cuidadores e são evitadas pelos pares normativos (Bartol & Bartol, 2012). O mesmo parece ter acontecido à quase totalidade da nossa amostra.

Quadro 4. Dimensões mais fortemente associadas a três momentos distintos: infância, envolvimento e progressão da trajetória desviante.

Infância (até aos 10 anos)	Envolvimento na trajetória desviante	A progressão da trajetória desviante
Esquecimento (5)	Grupo (13)	Dinheiro (8)
Abandono/separação (5)	Afetos Positivos (8)	Poder (5)
Infância feliz (4)	Dinheiro (8)	Excitação (5)
Isolamento (3)	Identidade (7)	Namorada (5)
Institucionalização (3)	Escola (6)	Autonomia (3)
Inocência/descontração (2)	Poder (5)	Droga (3)

Perda (1)	Excitação (5) Influência dos pares (5) Reação (4) Estigmatização (3) Estatuto (3) Drogas (3) Aprendizagem (2) Injustiça (1) Liberdade (1)	Estatuto (3)
-----------	---	--------------

Tal como apresentado no quadro 4, no período que corresponde à infância, sensivelmente até aos dez anos, identificamos as seguintes categorias de dimensões dominantes associadas a esta primeira fase de desenvolvimento da trajetória desviante: *Esquecimento* - caracterizado pelo esforço de evitamento de experiências afetivamente negativas vividas no período da infância; *Abandono/separação* - emerge da experiência de abandono, separação ou rejeição familiar; *Infância feliz* - relativo a dinâmicas de afetividade familiar positivas; *Isolamento* - reporta-se à experiência de estar isolado, longe dos outros e da família, separado, sentir-se inferiorizado nessa condição; e *Institucionalização* - refere-se a um contexto de rutura com a família e subsequente institucionalização, com perda afetiva e desvinculação familiar.

6.3 O envolvimento na trajetória desviante

A iniciação no estilo de vida desviante é, aqui, entendida como a iniciação na prática de delitos e/ou no consumo de drogas. Os participantes referem ter iniciado a atividade delituosa mais séria, em média, aos 12,6 anos, mas a ameaça (11,3 anos), a ofensa à integridade física (11,3 anos) e andar com faca (12,1 anos) têm um início mais precoce. O consumo de haxixe (que ocorre em 12 dos participantes) é iniciado, em média, aos 12,9 anos, o uso regular de haxixe constata-se, em média, aos 13,4, enquanto o uso de álcool tem início, em média, aos 13,2 anos. Verifica-se, assim, que há uma forte proximidade entre o início do consumo de haxixe e a idade de início da prática de delitos.

A literatura científica sobre fatores de risco aponta claramente para a acumulação de fatores de risco com relevância no início das trajetórias desviantes, alguns desses fatores

considerados dinâmicos e outros estáticos (Bonta & Wormit, 2007). Ao analisarmos vários *Biogramas* percebemos também na nossa amostra uma acumulação de fatores proximais no início da prática de delitos (e.g., emergência problemas na escola, geralmente no 5º ano de escolaridade, adesão a um grupo com características desviantes e iniciação ao consumo de drogas e álcool). Assim, parece-nos muito importante que os estudos sobre o fenómeno da delinquência juvenil tenham em conta que este é um fenómeno multiproblemático e que é particularmente importante ter em conta a relação, evidente, embora complexa e multideterminada, entre o consumo de drogas e o envolvimento na delinquência/crime (Loeber, 1996; Agra e Matos, 1997; Brunelle, Cousineau e Brochu, 2002^a; Agra, 2008).

Como vimos anteriormente, a infância, enquanto período desenvolvimental fundamental na análise das trajetórias desviantes, está associada, de acordo com os nossos resultados, a fatores como a família, o meio de origem e o NSE, mas, ao nível da atividade significativa, a narrativa centra-se nos aspetos afetivos relacionados com a família. É, por isso, importante caracterizar a forma como evolui esta interação. Voltando, agora, ao período da trajetória que estamos a analisar, ou seja, quando os comportamentos desviantes têm início, 11 participantes continuaram a identificar como particularmente relevantes problemas familiares, discussões, violência doméstica, abandono, maus tratos, isolamento, separação dos pais e integração em novos agregados familiares (9). Os problemas familiares parecem ser, assim, um constrangimento contínuo no desenvolvimento destes jovens.

O que me atraiu foi a liberdade, eu queria sair de casa por causa das discussões, nunca me senti fascinado pelo mundo deles (grupo), mas eles estavam sempre disponíveis; Comecei a fechar-me no quarto por causa das discussões (primeiro entre os pais, aos 9 anos, e depois as discussões entre a mãe e a irmã).

(...) Chamam-me de “vicias” por que tenho o vício de jogar PC. Desliguei-me dos meus pais e criei outro mundo no meu quarto e nos jogos. Eram discussões a “torto e a direito” e eu ia para o meu mundo. Com a saída do meu pai melhorou tudo (DA_F_18).

A interação com a escola é invariavelmente pautada pelo insucesso, parece ser no seio da escola que o jovem experimenta uma primeira rutura significativa com a norma. De acordo com os nossos dados, 14 participantes referem faltar às aulas (11,7 anos), enquanto 11 jovens referem ter uma imagem negativa da escola (10,6 anos), 14 participantes assumem ter retenções e dificuldades de adaptação (13 anos), 7 destes jovens abandonaram a escola (14 anos) e 13 participantes aderiram a um grupo desviante (13). Estes dados apontam para a hipótese de a escola ser o palco onde o jovem dá os primeiros passos de aproximação a uma

conduta desviante e onde a imagem de si como desviante emerge. À semelhança do que Matza (1969) descreveu nos seus estudos, com a emergência e desenvolvimento de processos de adesão às condutas desviantes, esta deixa de ser vista como estranha e impossível, para passar a ser plausível e até, simpática: faltar às aulas, ficar a jogar à bola, fumar tabaco e haxixe, acompanhar pares mais velhos, granjear respeito, ser visto como alguém a temer.

Não era para acontecer aquilo que aconteceu (violação do rapaz). O chibo! Nunca gostei dele, nunca tivemos confiança, ele deve ter-me visto a vender e foi chibar no conselho diretivo. No dia a seguir disse-lhe “ainda te vais arrepender” (BS_A_24).

Quanto ao envolvimento inicial num estilo de vida desviante, (cf. quadro 4), os participantes destacam, a este nível, afetos positivos, vividos principalmente junto do grupo de pares. Os dados mostram que 14 dos 15 participantes dizem ter pertencido a um grupo ou gangue, em média, a partir dos 12,4 anos. A maioria dos participantes refere sentir-se compreendido e aceite pelos pares, procurar sensações fortes junto deles e das suas práticas, achar importante ter amigos mais velhos e ter iniciado o consumo de haxixe e álcool no seio do grupo.

Neste nível de evolução das trajetórias, as dimensões mais significativas que surgiram da análise de conteúdo das narrativas dos nossos jovens, correspondem às seguintes categorias (cf. quadro 4): o *Grupo* - é percecionado como positivo, influente na trajetória desviante e onde ocorre a aprendizagem desviante; *Afetos positivos* - estão associados ao grupo, à namorada ou a outros elementos significativos que não pertencem ao agregado familiar; *Dinheiro* - tem uma função instrumental, permite adquirir bens e garantir a sobrevivência; *Identidade* - refere-se a um processo de partilha ou identificação com figuras desviantes; *Escola* - assinala os problemas de comportamento na escola; *Poder* - compreende um processo de ascensão, de dominação através da desviância; *Excitação* - implica a obtenção de prazer através das práticas desviantes e da pertença ao grupo, procura de sensações na desviância; *Influência dos pares* - retrata o envolvimento na desviância por pressão dos pares; *Reação* - assinala a ação que decorre por reação a uma situação entendida pelo jovem como intolerável; *Estigmatização* - sinaliza uma situação estigmatizante que levou o jovem a procurar compensações no comportamento desviante (e.g., etnia, pobreza); *Estatuto* - designa o papel da desviância enquanto meio de ascensão social; e *Drogas* - intimamente relacionada com a anterior, refere-se à entrada no tráfico, ganhos monetários a ele associados.

É, assim, junto do grupo que parece desenvolver-se inicialmente a desviância, o grupo apoia, compreende e aceita o ator como é, substituindo-se, de alguma forma, à família (afeto, identidade, estatuto, prazer). O dinheiro, a compra de bens, oferecendo poder, prazer e

estatuto, fazem diminuir os sentimentos de culpabilidade inerentes à prática de delitos. Outros procuram, também, preencher no seio do grupo as suas dificuldades identitárias. O prazer e a excitação aparecem abundantemente associados ao estilo de vida desviante. A droga é uma forma de estar e de se inserirem no grupo, parecendo ter uma função lúdica e integradora do estilo de vida desviante.

No plano das significações, o grupo é identificado como principal impulsionador no envolvimento na trajetória desviante. Se como vimos, em alguns casos, a família não oferece suporte afetivo e surge uma imagem desviante do jovem na escola, é o grupo que, em alguns casos, vai exercer o seu efeito enquanto promotor de afetos positivos, aceitação, apoio e uma imagem alternativa àquela de rejeitado, não-amado, excluído, desprovido de estatuto e poder.

Tinha uma imagem negativa na escola, mas não importava a opinião deles, era indiferente. Tinha uma imagem positiva no grupo e achava bom ser aceite por eles (HD_SA_18).

Aos 11 anos eram só “dred’s”, começaram a chamar um “gajo”, diziam para roubar, víamos como eles faziam e fazíamos ainda pior. Achava aquilo divertido, bom para mim, que aquilo ia trazer mais vida e regalias (CL_F_21).

A entrada no grupo pode compreender-se através de dois movimentos processuais distintos: um mais autodeterminado, pela procura ativa do contacto com o grupo e outra por reação a uma situação interpretada como negativa e heterodeterminada. De ambos os modos, estamos perante uma posição de significação transgressiva solidária (Agra, 1990, 1994; Manita, 1998), ou seja, manifesta-se como uma significação orientada pelas regras do grupo, por adesão consciente, mas acrítica, às normas que facilitam a transgressão veiculadas pelo grupo. Sustenta-se pelo determinismo e pressão social e pela adaptação a essas normas de uma forma não questionante, próxima de uma moral heterónoma. Em suma, é o fazer assim porque é assim, que os outros fazem (idem).

Diversos estudos constataram que a adesão ao grupo de pares desviante antecede a prática de delitos (Sutherland, 1949; Elliot e Menard, 1996; Akers, 1985; Bandura & Walters, 1963; Burgess & Akers, 1966; Elliott, Ageton, & Canter, 1979), mas na nossa amostra ela é praticamente concomitante e o grupo tanto surge como um meio para chegar ao desvio, como uma fonte de influência e aprendizagem do desvio. Parece-nos, assim, que os resultados encontrados se revelam importantes para ajudar a compreender o processo de iniciação e envolvimento na trajetória desviante. As dificuldades na infância, sobretudo os abusos e violência no seio da família, as dificuldades económicas, a influência do meio de origem e da

posição social do sujeito, surgem associadas a afetos e significações negativas que constroem as opções seguintes dos jovens. O início da desviância promete e permite o sentimento de pertença a um grupo, desencadeia sentimentos e afetos positivos, apoia a aquisição de poder e estatuto. Mantendo-se as dinâmicas abusivas na família, ocorrendo na escola a rutura com a norma e a rejeição, o grupo redobra o seu papel de apoio afetivo e de contexto de integração e aprendizagens positivas, com o qual o jovem passa a identificar-se de forma crescente. A este processo identitário associa-se, na maior parte dos casos, o consumo de tabaco, haxixe e álcool em grupo, que ajudam a reforçar o sentimento de pertença, a obtenção de prazer e o envolvimento na desviância.

6.4 A progressão na trajetória desviante

Na descrição da fase de progressão na trajetória desviante surgiram as seguintes dimensões dominantes: *Dinheiro* – com uma função instrumental, quer para adquirir bens essenciais, assegurar a sobrevivência, quer para alcançar bens associados ao estatuto a que não acediam antes; *Poder* – associado aos sentimentos de dominação, superioridade e capacidade que são adquiridos através do exercício da desviância/pertença a um dado grupo desviante; *Excitação* – associada à obtenção de prazer, procura de sensações na desviância; a *Namorada* – de forma surpreendente, a figura da namorada/primeiro amor surge com um peso muito significativo nas narrativas dos jovens da nossa amostra e representa uma referência afetiva muito positiva que promove a autoestima, a vontade de promoção, até mesmo o sentido de responsabilidade, mas também se associa a sentimentos de prazer e “felicidade verdadeira”; Autonomia - consubstancia-se no desejo de independência; *Drogas* – categoria que se reporta ao envolvimento no tráfico e aos ganhos monetários associados; *Estatuto* - designa a desviância enquanto meio de ascensão social.

A partir das atividades do grupo, e a partir de uma posição de significação transgressiva que aponta claramente para uma posição solidária, onde o grupo acaba por ter uma influência decisiva no início e desenvolvimento da trajetória desviante, os participantes revelam, essencialmente, 4 vias de significação associadas à progressão da trajetória desviante: busca de (1) afeto/aceitação, (2) sentimento de identidade/pertença, (3) obtenção de estatuto/poder, (4) obtenção de prazer/excitação.

(1) Afeto/aceitação – esta via caracteriza os jovens que procuram afetos positivos, aceitação/integração e compreensão junto do grupo de pares desviantes: *depois de reprovarem comecei a faltar, a turma era problemática e não gostava daquele meio, da personalidade deles, eram manipuladores. Nessa altura senti-me isolado, os colegas não tinham conversa e não geravam um bom ambiente, é neste ambiente que surgiram as duas amigas. Estas trouxeram compreensão e autoestima. As duas raparigas eram mais velhas e uma era proveniente do bairro, tinha vivências de risco, fiquei de pé atrás, mas depois confiei, a outra conheci através da primeira. Pratiquei o delito na loja com a amiga, ela convenceu-me, fomos vistos pelas câmaras e apresentaram queixa, fiquei constrangido (MV_SA_18).*

(2) Identidade/pertença - esta via caracteriza os jovens que procuram no grupo jovens com que se identificam e possam partilhar os problemas, ser compreendidos: *o meu padrasto batia na minha mãe, a minha mãe foi violada com 19 anos e eu pensava que ele ia fazer a mesma coisa, não gostava da violência, tinha traumas, de tarefas que me davam, a minha tia principalmente. Comecei a dar-me com rapazes com o mesmo problema, (filhos de pais divorciados, discussões, batidos), comecei a fazer o mesmo que eles (JS_SA_18).*

(3) Estatuto/poder - esta via caracteriza os jovens que procuram no grupo uma forma de aprender a praticar delitos e rapidamente se sentem motivados a ascender no grupo. Identificando-se com a desviância, desvinculando-se afetivamente dos cuidadores, passam rapidamente a não confiar em ninguém e a encontrar no grupo desviante/no exercício da desviância um espaço de autodeterminação e sentimento de realização, competência e poder: *tinha entre os 11 e os 13 anos, os meus amigos tinham entre os 14 e os 17, precisava de ajuda e proteção, depois foi a minha vez de proteger outros. Aos 15 anos já não ia à escola, só mexia com dinheiro, droga e gramas de ouro. Era esbanjador mas tentava organizar-me. O dinheiro sujo voa.*

(...) *As responsabilidades são ganhas devido a sermos mais velhos e termos fama. Muitas vezes fui enganado, fiz uma ourivesaria e ganhei 10 euros, os mais velhos enganaram-me. A entrada está dependente de dar uns passos, tem a ver com força fria, não ter pena, ser esperto. Não tinha pena. (DM_A_24).*

(4) Prazer/excitação - esta via caracteriza os jovens que procuram no grupo sensações fortes, aventura e excitação, nos quais o consumo de drogas e o álcool é muito frequente: *foi nas férias da escola, que eu comecei, acordava às 11h/12h e comia às 14.30h, íamos todos para o meio do bairro, íamos passear para a Foz, fazíamos casas, betos e carros. Íamos atrás deles, dava dinheiro para termos, comprar ganza e lanchar.*

(...) Não pensava nada, desde que desse para roubar, o meu pai só me queria pôr a jogar à bola, tinha fama, vendia droga, pensava que eu era gente grande. Se não fosse atrás dos meus colegas... na primária andava direito, conheci os “gandins” e fui atrás deles (DM_F_10).

Os dados indicam que os participantes praticam delitos primeiro em grupo (13,2 anos) e depois sozinhos (13,6 anos), começam a ganhar fama na rua e a ficar conhecidos (13,9 anos). Todos os participantes ofenderam a integridade física (11,3 anos) de outrem e os delitos mais praticados são: ameaça (11,3 anos), andar com faca (12,1 anos), roubar telemóveis (12,9 anos) e furto/roubos (13,4 anos). Segundo os participantes, é posteriormente que evoluem para delitos que oferecem maiores ganhos financeiros: roubar fios de ouro (14,1 anos), tráfico (14,3 anos) e violação de domicílio (14,8 anos).

A noção de escalada, agravamento ou sequência de desenvolvimento, refere-se a uma continuidade da atividade transgressiva, amplamente estudada no âmbito da criminologia, e que consiste num processo de evolução da gravidade dos delitos praticados. Dito de outro modo, comportamentos transgressivos menos graves antecedem comportamentos transgressivos mais graves ou, ainda, “a problemas de comportamento na infância sucedem os atos delinquentes na adolescência e a estes a criminalidade na idade adulta” (Negreiros, 2008, p. 32). No nosso estudo, verificamos que a maioria dos jovens tem uma trajetória desviante onde se verifica o processo de escalada ou de agravamento dos comportamentos desviantes, com clara evolução a partir dos primeiros delitos de roubo (e.g., roubar telemóveis).

À medida que se desenvolve a desviância, aparecem crescentes elementos de auto-determinação da ação; nesta fase, o grupo pode perder a sua influência, aparecendo a namorada como a figura que mais significados positivos aglomera, associada à felicidade, à pessoa em quem mais confia e a sentir-se amado e valorizado.

A partir dos 14 anos, e segundo os significados atribuídos à atividade delituosa, esta passa a caracterizar-se por uma posição de significação transgressiva solitária (Agra, 1990, 1994; Manita, 1998), ou seja, manifesta-se por uma significação pessoal, finalizada, intencionalizada e autodeterminada por projetos pessoais transgressivos. O sujeito é

concebido como “senhor dos seus atos”, capaz de romper com a determinação biológica e social e de se produzir psicologicamente como transgressor e assumir-se como tal. Trata-se de um saber-fazer, ou seja, o ato transgressivo é intencionalizado e dobrado de sentido, faz parte de um projeto de vida, inserido num tempo e num estilo de vida (Manita, 1998).

Na delinquência expressiva, o jovem chama a atenção sobre a sua pessoa através da transgressão, procurando a ação, o risco e, às vezes, a publicidade (Moura, 2000). Neste ponto, a desviância passa a caracterizar-se pela sua instrumentalidade, associada ao ganho financeiro, ao desejo de autonomização afetiva e financeira.

A análise dos dados recolhidos leva-nos a constatar que a trajetória desviante se torna mais resistente à intervenção das instituições de controlo social à medida que adquire este carácter mais autodeterminado e que os significados da atividade transgressiva adquirem um carácter mais instrumental e finalizado. Na delinquência instrumental o crime surge como um meio, considerado eficaz, para se obter bens ou serviços. Neste tipo de delinquência é possível estabelecer etapas na carreira criminosa do jovem, na qual, à medida que se avança na idade, a gravidade dos crimes cometidos aumenta (Moura, 2000).

7. Conclusões

Uma primeira conclusão a que chegamos foi a de que o discurso dos jovens participantes se auto-organiza, sobretudo, em torno de sentimentos (negativos), dobrados depois cognitivamente e expressivamente. Ou seja, os jovens procedem de forma dominante a uma integração afetiva do percurso de vida, operando sobre ela uma dobra de sentido de nível cognitivo que adquire diferentes significados, em particular, **afeto/aceitação, identidade/pertença, estatuto/poder, prazer/excitação**.

Tal como atrás referimos, o estrato afetivo do sistema da personalidade parece funcionar aqui como o elemento dominante de articulação entre o estrato expressivo (que permite a intencionalização afetiva) e o estrato cognitivo (que permite o enquadramento significativo das emoções). É através desta interarticulação que é definida pelos jovens a modalidade dominante de ligação ao mundo e aos outros, através de uma ação que visa a conquista de poder, estatuto, sentimento de pertença e de aceitação, mesmo que estes sejam encontrados através do e no desvio (Manita, 1998).

A família, o meio de origem e o nível socioeconómico (NSE) parecem constituir fatores determinantes na preparação das condições para a emergência da trajetória desviante. Encontramos, a este nível, algumas regularidades – a maioria dos jovens refere-se à sua

infância de forma negativa, tendo experienciado problemáticas familiares abusivas (e.g., negligência, maus tratos, exposição à violência, abandono, separação, institucionalização).

A partir da significação dos momentos da infância, ou seja, dos significados atribuídos a esse período de vida, identificamos três grupos com diferentes vias de significação: (1) os que “**enfrentaram conflitos familiares**”; (2) os que “**observaram conflitos familiares**” e (3) os “**que não experienciaram conflitos familiares**”. As duas primeiras vias assemelham-se bastante e levam à procurar recompensa, prazer, excitação, poder e aceitação/sentido de pertença e identidade em grupos de pares desviantes. A terceira surge em casos em que o envolvimento na desviância é, desde fases iniciais, muito mais instrumental e menos reativa a sentimentos negativos ou de injustiçamento.

Associada à manutenção dos problemas familiares e à frequente rejeição na e da escola (com conseqüente rutura com a norma e exclusão social), esta integração no grupo de pares desviantes assegura aos jovens um suporte afetivo e educativo importante, com o qual este passa a identificar-se. É também nesta fase de consolidação do envolvimento na trajetória desviante que se inicia o consumo de tabaco, haxixe e álcool, em grupo. A entrada e consolidação da pertença ao grupo pode compreender-se por dois movimentos processuais distintos: um mais autodeterminado, pela **procura ativa** do contacto com o grupo, e outra por **reação** a uma situação interpretada como negativa e heterodeterminada. Estamos, assim, perante *posições de significação transgressiva solidárias e solitárias* (Agra, 1990, 1994; Manita, 1998).

No nosso estudo, verificamos que a maioria dos jovens tem uma trajetória desviante onde se verifica o processo de **escalada** ou de agravamento dos comportamentos desviantes. À medida que se desenvolve o sentimento de poder, agência e competência na desviância, aparecem crescentes elementos de autodeterminação da ação, reduzindo-se as posições de significação *solidárias* e consolidando-se as posições *solitárias* (Agra, 1990, 1994), revestidas de uma significação pessoal, finalizada, intencionalizada e autodeterminada por projetos pessoais transgressivos. Neste ponto, a desviância passa a caracterizar-se pela sua instrumentalidade, associada ao ganho financeiro, ao desejo de autonomização afetiva e financeira.

Quando o jovem alcança esta fase de envolvimento e esta modalidade de significação da sua trajetória desviante, torna-se mais resistente à intervenção das ações normalizadoras e das instituições de controlo social. Por essa razão, parece-nos fundamental que o investimento ao nível da intervenção seja feito na primeira, quando muito, no início da segunda fase de evolução da trajetória identificada.

O nosso contributo empírico para a intervenção assenta em quatro propostas: (1) os resultados indicam que a família e a afetividade são preponderantes na infância, pelo que as dinâmicas de abuso devem ser alvo de intervenção precoce; (2) a desviância desenvolve-se em associação com um conjunto de fatores de risco (já amplamente estudados) e um processo de significação para a compreensão do qual pensamos ter contribuído com o nosso estudo. A TGSA e outras propostas construtivistas e narrativas mostram-nos a importância dos significados na orientação da ação, como tal, para a intervenção com jovens judicializados importa trabalhar e desconstruir significados que conduzam ao ou validem o envolvimento na desviância; (3) é compreendendo a subjetividade, o sentido de autoria e de construtor de significados destes jovens que poderemos definir estratégias de intervenção mais eficazes. Este ponto de vista retira o jovem transgressor quer do papel linear de vítima quer do de agressor, olhando o desvio como um processo complexo de interação entre o sujeito, as suas condicionantes pessoais e sociais, mas também as suas capacidades de autodeterminação e de construção ativa de significados para a existência e para a ação; (4) O Biograma pode ser um importante instrumento de intervenção (e não só de investigação) nos comportamentos desviantes.

BIBLIOGRAFIA

Agra, C. (2008). *Entre Droga e Crime: Participantes, Espaços, Trajetórias*. Cruz Quebrada: Casa das Letras.

Agra, C. & Matos, A. (1997). *Trajetórias Desviantes*. Vol. XIV. Lisboa: GPCCD/Ministério da Justiça.

Agra, C (2001). Elementos para uma epistemologia da criminologia. *Estudos em comemoração dos cinco anos (1995-2000) da Faculdade de Direito do Porto*. Coimbra: Coimbra Editora.

Agra, C.M. (1986). Para uma epistemopsicologia. *Revista de psicologia e de Ciências da Educação*, 1, 17-27.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bartol & Bartol (2012). *Introduction to Forensic Psychology*. Thousand Oaks: SAGE publications, Inc.

Blanc, M.; Ouimet, M. & Szabo, D. (2003). *Tratado de Criminologia Empírica*. Lisboa: Climepsi editores.

Becker, H. S. (1963). *Outsiders*. Nova Iorque: The Free Press.

Bonta, J., Wormith, S., (2007). Risk and Need Assessment. In G. McIvor & P. Rainor (Eds.) (2007). *Development in Social Work With Offenders: Research Highlights in Social Work* (pp. 131-152). London: Jessica Kingsley.

Brunelle, N., Cousineau, M-M., Brochu, S. (2002a). Deviante Youth Trajectories: Adoption, Progression and Regression of Deviant Lifestyles. In S. Brochu, , C. Agra, e M. Cousineau, (2002). *Drugs and crime deviant pathways* (pp. 115-135). Burlington: Ashgate publishing limited.

Brunelle, N., Cousineau, M-M., Brochu, S. (2002b). Trajectoires types de deviance juvenile: un regard qualitative. *Revue canadienne de criminology*, janvier 2002: 1-31.

Cusson, M. (2006). *Criminologia*. Cruz Quebrada: Casa das Letras.

Debuyst, Ch. (2002). La délinquance comme interaction. In Mucchielle, L. et Robert, P. (2002). *Crime et sécurité l'état des savoirs* (137-147). Paris: La Découverte.

Elliott, D. S., Menard, S. (1996). Delinquent friends and delinquent behavior: Temporal and developmental patterns. In Hawkins, J. D. (1996). *Delinquency and Crime: current theories* (28-67). Cambridge: Cambridge university press

Farrington, D. (2004). O Estudo de Desenvolvimento da Delinquência de Cambridge: principais resultados dos primeiros 40 anos. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento antissocial e crime: da infância à idade adulta*. Coimbra: Almedina.

Fernandes, L. (2008). Condição Juvenil: Do Risco De Se Ser Vítima ao Perigo De Se Ser Ator. In *Direito das Crianças e Jovens*. Lisboa: ISPA

Ferrarotti, F. (1979). Sobre a autonomia do método biográfico. In Jean Duvignaud (coord.), *Sociologie de la connaissance*. Paris: Payot.

Hawkins, J. D. (1996). *Delinquency and crime: current theories*. Cambridge: Cambridge university press

IRS (2002). Enquadramento jurídico e estratégia de intervenção na jurisdição tutelar educativa. Manual de Assessoria técnica aos Tribunais na fase pré-sentencial.

Le Blanc, M.(2003). La conduite délinquante des adolescents: sont développement et son explication. In Le Blanc, M., Ouimet, M. et Szabo, *Traité de Criminologie Empirique* (3º ed.) (pp.367-420). Montréal: Les presses de l'Université de Montréal.

Lidchi, V., Tombs, N., Magalhães, T., Lopez, J. (2004). Hidden Voices: The Family Biogram for Working with Families Forcibly Displaced in Colombia. *ANZJFT*. 25, 4, 212-221.

Loeber, R. (1996). Developmental Continuity, Change and Pathways in Male Juvenile Problem Behaviors and Delinquency. In Hawkins, J. D. (1996). *Delinquency and Crime: current theories* (1-27). Cambridge: Cambridge university press.

Loeber, R., Farrington, D. P. (1998). *Serious and violent juvenile offenders*. Thousand Oaks: Sage publications, Inc.

Manita, C.; Negreiros, J., Agra, (1996). *Determinações e Significações na relação droga-crime*. Droga-Crime: Estudos interdisciplinares – vol XI. Lisboa: GPCCD/Ministério da Justiça.

Matza, D. (1969). *Becoming Deviant*. New Jersey: Transaction Publishers

Miner-Romanoff, K. (2012). Interpretive and Critical Phenomenological Crime Studies: A Model Design. *The Qualitative Report*, 17, 54, 1-32.

Mucchielli, L., Robert, P. (2002). *Crime et Sécurité, L'état des Savoirs*. Paris: Éditions La Decouverte & Syros.

Muncie, J.; Mclaughlin, E. & Langan, M. (1996). *Criminological perspectives – a reader*. London: Sage publications.

Negreiros, J.(2008). *Delinquências Juvenis: Trajetórias, intervenção e prevenção*. Porto: Legis Editora.

Portela, P. C. C. (2004). *À Margem da Margem: percursos na Heroína dos Invisíveis Institucionais*. Dissertação de Candidatura ao Grau de Mestre. FPCEUP.

Sykes, M., Matza, D. (1957). Techniques of neutralization. In Muncie, J.; Mclaughlin, E. & Langan, M. (1996). *Criminological perspectives – a reader* (pp. 206-213). London: Sage publications.

Manita, C. P. (1998). *Auto-organização psicológica e transgressão. Análise empírico-crítica de duas figuras do comportamento desviante: criminosos e consumidores de drogas*. Dissertação de candidatura ao grau de Doutor: FPCEUP.

Tapparelli, G. (2000). *O Caminho da Morte: Delinquência Juvenil num Bairro Popular de Salvador – Bahia*. Comunicação no XXIV Encontro Anual da ANPOCS.

Tinoco, R. & Pinto, S. (2001). Abordagem biográfica das toxicodependências - o biograma como instrumento de intervenção clínica. *Toxicodependências*, 7, 1, 17-22.

Tinoco, R. (2002). Indeterminação biográfica – de condição natural a uma fissura na história do sujeito. *Toxicodependências*, 8, 3, 61-67.

Anexo A

Grelha de Recolha de Dados hetero e autobiográficos – Eduardo Garrido, 2012

(com base na grelha de recolha de dados para elaboração de Biogramas de Agra e Matos, 1997)

IDENTIFICAÇÃO

Código	Relatório DGRS:	PEP:	Ficha de Acolhimento:	Outros:
Data de nascimento:	Naturalidade:	Mudança de residência do agregado:		
Freguesia de residência:	Urbano/ Rural	Zona Problemática?		NSE:
Agregado	Pais:	Outros:		
Regime Internamento	Duração:			
YLS/CMI	Nível de Risco:			
Centro Educativo:	Início de Medida:			

Família/significativos

Pais e irmãos	Existem conflitos na família?	Motivo:			
Avós/ adoção /outros	Motivo da ausência dos pais:	Grau de satisfação:			
Acolhido/ institucionalizado	Qual o motivo?	Sentimentos no evento?		Avaliação atual:	
Irmãos	Idades:	Germanos	Uterinos	Consanguíneos	Tipo de Relação:
Toxicodependência	Quem?	O que aconteceu:			
Ausência pais	Qual o motivo?	o que sente acerca disso?			
Morte de familiar	Quem?	Circunstâncias:		Consequências:	
Novo agregado	Pai/Mãe com novo agregado?	Outro:		Como se adaptou?	
Violência doméstica	Assumida	Negada		Vitimação	
Pais separados	Motivo:	Quem está mais presente?		Motivo?	
Familiar na prisão	Quem?	Motivo			
Problemas conjugais	Como brigam?	Sentimentos envolvidos?		Quem sofre mais?	

Relação com os cuidadores

Afeto/ Investimento	Sentimento de segurança	Quem?		
Conflito	Motivo:			
Fuga de casa	Motivo?	Idade:		
Mentir aos cuidadores	Motivo?	Consequências?		
Educação Bater/Castigar	Quem?	Retirar privilégios		Consequências?
Abandono/ Negligência	Sentimento associado	Motivo?		Como reagiu?
Maus Tratos	Reportado	Tipo de mau trato:		
Agressão/ameaça aos pais	Reativa	Troca de papéis		Dinâmica de violência
Autonomia	Em que idade?			
Distanciamento	Quem?			
Pouco Afetiva	Quem?			
Educação permissiva	Quem?			

Relação com Pares

Amigos de Infância	Praticam delitos?		
Iniciação nas Drogas	Tráfico?		
Amigos mais velhos	Os mais velhos chamam-no	Sente-se integrado	Emoções positivas
Más Companhias	Iniciar-se		
Mudar grupo/amigos	Mudança de residência?		
Poucos amigos/ Isolado	Não se junta a ninguém	Os pais não deixam sair	Não é aceite
Procurar sensações fortes	Procura de adrenalina:		Outro:
Sentir-se Compreendido	Prefere estar com os amigos?		
Conhecer um Gângster	Admiração?	Outro:	
Lutas entre Grupos	Vítima	Desejo de ter proteção	Desejo de aceitação
Entrar num Grupo/Gangue	Associado ao tráfico	Associado a grupo organizado	
Sentir bem / aceite	Maior auto estima?	Exclusão	Subcultura

Drogas e/ou álcool

Tabaco	Idade de início	Evento associado	O que mudou?
Início Haxixe	Idade	Evento associado	Tipo de emoções?
Início álcool	Idade	Evento associado	Tipo de emoções?
Drogas duras	Idade	Motivo:	Atribuição:
Haxixe ocasional	Idade	Quantidade	Evento associado
Haxixe regular	Em grupo?	Avaliação do comportamento:	O que mudou?
Álcool regular	Em grupo?	Avaliação do comportamento:	O que mudou?
Álcool ocasional	Idade	Quantidade	Atribuição:
Consumo para divertir	Idade	Evento associado	Tipo de emoções?
Consumo para esquecer /aliviar	Idade	Evento associado	Tipo de emoções?
Deixar o álcool	Idade	Motivo	O que mudou?
Deixar o haxixe	Idade	Motivo	O que mudou?
Drogas na Família	Quem?	Consequências?	Atribuição:
Álcool na família	Quem?	Consequências?	Atribuição:

Meio/NSE			
Zona problemática	Tipo de habitação		
RSI / Baixos Rendimentos	Tipo de dificuldades:		
Ter menos direitos	O que sentia:		
Desemprego/pais	Quem?	Motivo:	
Zona de Crime	Atividade generalizada	Quem trafica	
Sentir-se Integrado	O que mais gosta?		
Rural	Caraterização	Identificação	Sentimentos associados?
Emprego/pais	Profissão	Rendimentos	
Mudar de residência	Positivo	Negativo	Motivo:
Faltaram-me coisas	O quê?	Porquê?	
Sem Dificuldades			

Escola			
Faltar aulas	Idade:	Gradual?	Motivo:
Ter Imagem negativa	Idade:	O que diziam de ti?	
Dificuldades de adaptação	Idade:		
Aproveitamento / retenção	Quantas vezes:	Motivo:	
Expulsão	Motivo:	Idade:	
Boa relação escola	Sentir-se inserido	Estar motivado	
Problemas comportamentais	Idade:	Descrição:	
Queixa / sinalização	Devido ao comportamento	Devido ao absentismo	
Abandono escolar	Sentir-se mais velho	Perder o interesse	Ter outros interesses
Mudar de escola / curso	Mudança de residência	Medida de proteção	Outro motivo:
Problemas na Pré escola	Sim / Não	Problemas de comportamento	
Agressão / ameaça	Idade	Queixa	
Grupo desviante	Grupo do bairro	Grupo da escola	Outro grupo
Sentir-se inferiorizado	Motivo:	Idade:	

Delitos			
Início	Idade	Acontecimento?	Atribuição?
Ameaça	Idade	Onde?	Consequência?
Furto	Idade	Ocasão?	Via pública?
Furto de uso de automóvel	Idade	Danos?	Para conduzir?
Violação de domicílio	Idade	Premeditado?	
Roubar telemóveis	Idade	Local público?	Na escola?
Ofensa à integridade física	Idade	Estranhos?	Na escola?
Andar com faca	Idade	Lutas entre gangs	Tráfico?
Roubo por esticão	Idade	Tipo de vítimas?	
Roubar fios de ouro	Idade	Na via?	Premeditado?
Roubo com arma	Idade	Associação a grupo	Aquisição no bairro?
Sequestro	Idade	Motivo:	
<i>Carjacking</i>	Idade	Associação a grupo?	
Violação	Idade	Sozinho?	Ativo/passivo
Tráfico	Idade	Onde?	Atribuição?
Lutas entre Grupos	Idade	Rivalidade territorial	
Ficar conhecido na rua	Idade	Motivo:	
Delito sozinho	Idade	Diminuição da gravidade?	Tráfico?
Planeava tudo	Idade		
Poucas vezes por mês	Idade		
Quase todos os dias	Idade		
Delito em grupo	Idade	Grupo mais velho?	Aumento da gravidade?
Roubar por vício	Idade		
Querer desistir dos delitos	Idade	Acontecimento?	Atribuição?

Sistema de Justiça			
Equipa / DGRS	Motivo:	Assiduidade:	Postura:
Centro Educativo	Idade		
Acom. Educativo	Tipo de obrigações:	Cumpriu/não cumpriu	+/-/= Comp. Desviante
Imp. de Obrigações	Escola?	Cumpriu/não cumpriu	+/-/= Comp. Desviante
Tarefas. a f. Comunidade	Tipo	Cumpriu/não cumpriu	+/-/= Comp. Desviante
Admoestação	Idade:	Transgressões?	+/-/= Comp. Desviante
CPCJ / SS	Idade:	Transgressões?	+/-/= Comp. Desviante
Incumprimento	Idade:	Motivo:	+/-/= Comp. Desviante

Saúde			
Insónia/ Alimentação	Idade:	Associada a evento?	Tomou medicação?
Hiperatividade/ Atenção	Idade:	Sinalizada na escola?	Tomou medicação?
Pedopsiquiatria	Idade:	Quem sinalizou?	Diagnóstico:
Defensivo/agressivo	Idade:	Quem sinalizou?	
Doença grave	Idade:	Hereditária?	Na sequência de evento?
Medicação	Idade:	Qual?	
Consulta Psicologia	Idade:	Motivo:	
Acidente	Idade:	Marca o percurso?	Prob. De comportamento?
Deficiência	Idade:		
Depressão	Idade:	Associada a evento	Encaminhado?
Impulsividade	Idade:	Sinalizada na escola?	Evolução?

Institucionalização			
Más companhias	Idade:		
Sentimentos Negativos	Saudades de casa	Outro:	
Sentimentos Positivos	Acompanhamento	Escola	Afeto
Fugas	Motivo:		
Transferência	Motivo		
Início	Idade		
Dificuldades Adaptação	De inserção		

Realizações pessoais

Nascimento de um filho	Idade:	Sentimento associado:
Experiência sexual	Idade:	Sentimento associado:
Ter uma imagem positiva	Idade:	Sentimento associado:
Ter coisas caras	Idade:	Sentimento associado:
Vestir Bem	Idade:	Sentimento associado:
Sair à discoteca/ noite	Idade:	Sentimento associado:
Conduzir um carro	Idade:	Sentimento associado:
Ter dinheiro / respeito	Idade:	Sentimento associado:

Relações amorosas

1ª Namorada	Idade:	Idade da namorada:	Sentimento associado
Rutura	Idade:	Sentimento associado:	
Discussões c/ namorada	Motivo:	Sentimento associado:	Idade:
Felicidade	Acontecimento associado?	Idade	
Nova namorada	Idade:		
Gravidez	Sentimento associado?	Idade:	
Pessoa amiga	Sentimento associado?	Idade do amigo/a	Idade:

Tempos livres

Desporto ou trabalho	Idade	Modalidade	Equipa:
Projeto comunitário	Idade	Envolvimento?	OTL
Ficar pela zona	Motivo	Idade:	
Sair à noite	Discoteca	Casa de amigos	Idade:
Centro Comercial	Motivo	Idade:	
Estar com os amigos	Motivo	Idade:	

Contato com a polícia			
Advertência	Avisam primeiro	Perdoam a primeira vez	o conselhos
Detenção	Idade	Foi identificado?	
Conflito	Desobediência	Tipo de ação policial:	
Interrogatório	Obter informações	Que tipo de informação:	
Rusga em casa	Idade:	Motivo:	
Ajuda	Ação positiva	Motivo:	
Fuga com perseguição	Idade:	Motivo:	

Reação aos delitos			
Castigos	Quem?	Tipo de castigos:	Motivo:
Avisos de amigos	O que disseram?		
Imagem positiva no grupo	Saiu mais reforçado no grupo de pares?		
Perder a confiança	A família descobriu		
Conflito em casa	Quem na família se opõe?		Quem aceita?
Maior controlo das saídas	Os cuidadores controlam mais?		
Mudança de habitação	Motivo:		Como reagiu?
Fugir de casa	Motivo:		
Sentimentos de culpa	Sentimentos de culpa em relação à família?		O que fez?
Parar os Delitos	Motivo:		

Anexo B

Modelo de Biograma utilizado

(adaptado de Agra e Matos, 1997)

Desenvolvimento e Significação de Trajetórias Desviantes - Eduardo Garrido (2012), adaptado de Agra e Matos (1997)

IDADE	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	
Família/significativos																						
Relação com os pais																						
Relação com pares																						
Drogas e/ou álcool																						
Meio/NSE																						
Escola																						
Delitos																						
Sistema de Justiça																						
Saúde																						
Institucionalização																						
Realizações pessoais																						
Relações amorosas																						
Tempos livres																						
Contato com a polícia																						
Reação ao delito																						
IDADE	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	

Anexo C

Exemplo de análise de conteúdo de um relato resultante da aplicação do método do Biograma

AC_SA_18 “Indiferença afetiva até conhecer a namorada”

<p>Fases da trajetória</p> <p>Até aos 6 anos esqueci tudo, fase de “esquecer”.</p> <p>Aos 10 anos a minha mãe não tinha possibilidades financeiras e eu e mais dois irmãos fomos institucionalizados. Na 1ª instituição, não havia controlo nem regras, era “comer e dormir”.</p> <p>Quando regresssei a casa, aos 12 anos, já não estava integrado em nenhum grupo, estava “desintegrado”.</p> <p>Aos 14 fui para uma instituição com mais regras e quando sai voltei ao “grupo de perafita”, fui ter com o grupo.</p> <p>Aos 16 anos foram os melhores momentos da minha vida, quando “conheci a minha namorada”, até aí nunca senti muito afeto, para mim era tudo indiferente</p>	<p>Sentimentos</p> <p>Esquecimento</p> <p>Dificuldades económicas</p> <p>Falta de regras/</p> <p>Institucionalização</p> <p>Isolamento</p> <p>Grupo/integração</p> <p>Namorada – afetos positivos</p>
<p>Relato sobre os acontecimentos de vida mais relevantes tendo em conta as fases/acontecimentos que identificou no Biograma</p> <p>Aos 16 anos (momento mais feliz da minha vida), tinha uma vida estável (Instituição), ficava pressionado, preocupado, ao vir para aqui fiquei mais calmo. Relacionei-me com mais pessoas, integrei-me melhor na sociedade. Andei com uma rapariga marcante, percebi que me dava afeto, dedico esse ano</p>	<p>Ação</p> <p>Institucionalização (absentismo)</p>

<p>a ela.</p> <p>Institucionalização - piorei desde que fui para lá, era comer e dormir, o resto era tudo lá fora. Não ia à escola, se fosse era para estar com os colegas.</p> <p>Delitos - estávamos na paragem de Azurara, acabado de fugir da Casa da Criança (Vila do Conde), não sei o que se passou, entrei numa casa, perguntei e ninguém respondeu. Entrei sem medo, fui apanhado já no metro, tinha 14 anos. Aprendi a ver, como não era muito rico fiz-me à vida. Depois dessa situação, como vi que dava lucro, juntei-me ao meu grupo e comecei a fazer delitos.</p> <p>Não ligava ao que eles me diziam, quando as pessoas me avisavam, pensava que eu é que estava certo e que isso é que trazia alguma coisa de bom.</p> <p>Eu não queria passar a minha vida a roubar, roubava porque estava com eles. Os outros já roubavam, eram todos mais velhos do que eu.</p> <p>Procurava mais aceitação, proteção.</p> <p>Aos 12 / 13 anos regresssei da instituição, nessa altura e reprovei de ano, mas não estava integrado no grupo que mandava.</p> <p>Quando entrei no grupo, encontrava-me com eles para fumar e beber coca-cola, conversavam sobre a ganza e o tráfico. Um dia comecei a vender com dois dos mais novos. Entrar no grupo, tinha de conhecer</p>	<p>Dinheiro</p> <p>Grupo instrumental</p> <p>Grupo – integração, afetos e bem-estar</p> <p>Drogas (tráfico)</p> <p>Poder/estatuto</p>
---	---

alguém, cumprimentar e sair à noite, ir para a Foz.

Devia de ter mudado de casa aos 9 anos, foi a partir dos 9 anos que a minha cabeça foi para a lua, era lá que os “*gandins*” paravam (à porta da escola), eles e que mandavam, quase que mandavam no porteiro, alguns tinham vinte e tal anos. Percebi que ao fazer asneiras, tinha mais autoridade, antes ninguém me passava cartão

Anexo D

Análise de Conteúdo – categorização relativa à identificação e nomeação de fases ou acontecimentos relevantes na trajetória desviante e análise temática

Identificação e nomeação das fases ou acontecimentos revelantes na trajetória de vida e análise temática.

Identificação	Categorias	Dimensão do discurso e Título e
AC_SA_18	Esquecimento Dificuldades económicas Falta de regras/ Institucionalização Isolamento Grupo/integração Namorada – afetos positivos	Sentimentos “Indiferença afetiva até conhecer a namorada”
BS_A_24	Infância feliz Grupo (aprendizagem/identificação) Excitação Droga Delito (imagem negativa)	Factual “Identificação desviante e Vingança”
CL_F_21	Inocência Desvinculação afetiva Aprendizagem/identificação desviante Excitação	Factual “Não confiar em ninguém”
DA_F_18_MC G	“Descontração” Isolamento (associação a pares) Delito	Sentimentos “Isolamento”
DM_A_24	“Esquecimento” (abandono) Institucionalização Poder/estatuto Dinheiro	Sentimentos - “O maior/identificação/ Poder”
DM_F_10	Infância feliz (tráfico) Aprendizagem Dinheiro Droga/Tráfico/Consumo	Sentimentos “Identificação com a figura de traficante/Prazer”

FM_A_12	<p>Separação Exigência /Regras/ “União familiar”- Isolamento/imagem negativa Grupo-proteção/apoio</p>	<p>Factual “Isolamento/imagem negativa”</p>
FM_F_18	<p>Esquecimento” Institucionalização</p>	<p>Sentimentos “Socialização na violência”</p>
GA_F_18	<p>Abandono Institucionalizado Saudade/tristeza Isolamento</p>	<p>Sentimentos “Desviância como reação à separação afetiva/abandono”</p>
HD_SA_18	<p>Esquecimento Drogas (consumo) Fuga aos maus tratos Institucionalização Poder/estatuto Grupo - aceitação e integração Dinheiro</p>	<p>Sentimentos “Marcado pelos maus tratos, procura de aceitação e estatuto”</p>
JM_A_24	<p>Abandono/ maus tratos Separação Isolamento (raiva) Fugas</p>	<p>Sentimentos “Destaca sucessivos abandonos/separação”</p>
JS_SA_18	<p>Abandono Separação Afetos/ Ligação identitária</p>	<p>Sentimentos “Abandonado”</p>
MV_SA_18	<p>Infância feliz Isolamento (preocupação) Identificação – ligação ao grupo</p>	<p>Sentimentos “Incompreensão/isolamento”</p>
TP_A_24	<p>Esquecimento (ausência de referências da infância) Autonomia Dinheiro</p>	<p>Factual “Procura de autonomia/estatuto”</p>

	Infância feliz	
	Perda	Sentimentos
RP_SA_24	Mudança de residência	“Não pude com eles, tive que me juntar a eles”
	Coação	
	Grupo	

CATEGORIAS – Identificação e nomeação das fases ou acontecimentos revelantes na sua trajetória de vida (frequências por ordem decrescente)

Isolamento (6) - experiência de estar isolado, separado, inferiorizado;

Grupo (6) - referência ao grupo, de forma positiva, aprendizagem desviante;

Esquecimento (5) – evitamento de experiência afetivamente negativa;

Abandono/separação (5) - experiência de abandono, separação ou rejeição familiar;

Identificação desviante (5) - referência a processo de identificação na desviância;

Dinheiro (4) - instrumental, adquirir bens, sobrevivência;

Infância feliz (4) - referência a dinâmica de afetividade;

Poder /estatuto (4) – – processo de ascensão, de dominação através da desviância;

Institucionalização (5) – contexto de perda afetiva, autonomia e desvinculação;

Inocência/descontração (3) – não tem intervenção direta nos problemas;

Droga (3) - entrada no tráfico, ganhos monetários;

Fuga (2) - desejo de fugir, reação a situação de desconforto;

Excitação (2) - referência ao prazer, procura de sensações na desviância;

Delito (2) – ato transgressivo marcante;

Dificuldades económicas (1) – família com perda de autonomia financeira;

Namorada (1) – – referência afetiva positiva;

Autonomia (1) - desejo de autonomia;

Imagem pessoal negativa (1) – processo de etiquetagem desviante;

União familiar (1) – referência a momento de reunião familiar;

Regras/exigência (1) – opressão, controlo negativo;

Perda (1) - perda afetiva;

Coação (1) - sentir-se coagido pelo grupo a desviar-se;

Desvinculação afetiva (1) – afastamento dos problemas familiares e perda de confiança;

Aprendizagem (1) – desejo de aprender a praticar delitos

Anexo E

Análise de Conteúdo – categorização subjacente à descrição e significação das fases identificadas e nomeadas como mais relevantes na trajetória de vida e sua relação com a desviância

CATEGORIAS – Descrição e significação das fases identificadas e nomeadas como mais relevantes na trajetória de vida e sua relação com a desviância

Identificação	Categorias
AC_SA_18	Institucionalização Absentismo / escola Dinheiro Grupo (instrumental) Grupo – integração, afetos e bem-estar Drogas (tráfico) Poder/estatuto
BS_A_24	Infância feliz Escola (Grupo) Influência dos pares Identificação Vingança Dinheiro Droga (Tráfico) Excitação
CL_F_21	Grupo (Afetos positivos) Influência dos pares Violência doméstica Reação pela agressividade Aprendizagem (comportamento desviante) Dinheiro Identidade/estatuto Abandono Vs. Afetos positivos (grupo)

DA_F_18_MCG	<p>Influência dos pares</p> <p>Autonomia (procura)</p> <p>Liberdade</p> <p>Isolamento</p> <p>Desvinculação afetiva</p> <p>Excitação</p> <p>Violência doméstica (exposição)</p> <p>Grupo – pertença, identidade, afetos positivos</p> <p>Crime muito violento logo no início</p>
DM_A_24	<p>“Excitação</p> <p>(Grupo) Influência dos pares</p> <p>Dinheiro</p> <p>Identidade desviante/ delinquente</p> <p>Afetos positivos – irmão</p> <p>VS. Afetos negativos – infância, origem</p>
DM_F_10	<p>Namorada/ afectos</p> <p>Injustiça</p> <p>Drogas</p> <p>Estatuto/ Poder</p> <p>Dinheiro</p> <p>Aprendizagem (Grupo)</p> <p>Grupo –pertença</p>
FM_A_12	<p>Problemas de comportamento / escola</p> <p>Fugas</p> <p>Absentismo</p> <p>Sexualidade violenta</p>

	<p>Abandono/solidão</p> <p>Identidade</p> <p>Grupo</p> <p>Namorada- (afetos positivos)</p>
FM_F_18	<p>Abandono/ isolamento</p> <p>Separação / rutura</p> <p>Maus tratos</p> <p>Problemas de comportamento</p> <p>Estigmatização</p> <p>Grupo</p> <p>Poder</p> <p>Dinheiro</p>
GA_F_18	<p>Institucionalização</p> <p>Reação aos abandonos</p> <p>Grupo</p> <p>Poder</p> <p>Afetos</p> <p>Sexualidade (violenta)</p>
HD_SA_18	<p>Maus tratos</p> <p>Identidade (eficácia)</p> <p>Excitação</p> <p>Poder</p> <p>Autonomia</p>
JM_A_24	<p>Excitação</p> <p>Responsabilidade precoce (irmão)</p> <p>Experiências traumáticas/ maus tratos</p> <p>Isolamento</p>

	<p>Reação (sucessivos abandonos)</p> <p>Estigmatização (etnia)</p> <p>Abandono</p> <p>Sexualidade/abuso</p>
JS_SA_18	<p>Maus tratos/ violência doméstica</p> <p>Identidade</p> <p>Necessidades financeiras</p> <p>Estigmatização (escola)</p> <p>Sexualidade/abuso</p> <p>Dinheiro (sobrevivência)</p> <p>Afetos /namorada</p> <p>Fuga</p> <p>Grupo (pertença)</p>
MV_SA_18	<p>Problemas de comportamento /escola</p> <p>Isolamento</p> <p>Afetos / namoradas</p> <p>Grupo (associação a pares)</p> <p>Conflito com os pais</p> <p>Incompreensão / abandono</p> <p>Reação (agressiva)</p>
RP_SA_24	<p>Absentismo</p> <p>Permissividade</p> <p>Perda</p> <p>Isolamento</p> <p>Coação/ Medo</p> <p>Problemas de comportamento</p> <p>(Grupo) Influência dos pares</p>

Grupo

TP_A_24

Dificuldades financeiras

Problemas de comportamento / escola

Abandono/rejeição

Maus tratos

Grupo (pressão dos pares)

Dinheiro

Droga

Independência / autonomia

Regras Vs. Liberdade

Afetos / Namorada

Namorada (Sexualidade)

CATEGORIAS - Descrição e significação das fases identificadas e nomeadas como mais relevantes na trajetória de vida e sua relação com a desviância (frequências por ordem decrescente)

Afetos positivos (8) – no grupo, namorada, irmão - fora da família;
Dinheiro (8) – instrumental, adquirir bens, sobrevivência;
Grupo (13) – referência ao grupo, de forma positiva, aprendizagem desviante;
Abandono (7) – experiência de abandono, rejeição familiar;
Identidade (7) – referência a processo de identificação na desviância;
Poder (5) – processo de ascensão, de dominação através da desviância;
Namorada (5) – referência afetiva positiva;
Maus tratos (5) – experiência traumática;
Influência dos pares (5) – envolvimento na desviância por pressão dos pares;
Isolamento (5) – experiência de estar isolado, separado, inferiorizado;
Reação (4) – a ação decorre por reação a uma situação intolerável;
Excitação (5) – referência ao prazer, procura de sensações na desviância;
Escola (6) – refere problemas de comportamento na escola;
Sexualidade (violenta/abuso) (4) – sexualidade violenta como agressor
Problemas de comportamento (4) – referência à sua precocidade;
Violência doméstica (3) – experiência de VD, vítima secundária;
Absentismo (3) – referência ao absentismo
Autonomia (3) – desejo de autonomia;
Estatuto (3) – desviância enquanto ascensão social;
Estigmatização (3) – situação estigmatizante (etnia, pobreza);
Drogas (3) – entrada no tráfico, ganhos monetários;
Aprendizagem (2) – processo de aprendizagem;
Desvinculação afetiva (1) – perda de referências familiares;
Injustiça (1) – negação da culpa;
Separação (1) – experiência de separação afetiva;
Fugas (1) – desejo de fugir, reação a situação de desconforto;
Liberdade (1) – desejo de desvinculação familiar;
Permissividade (1) – referência à ausência de controle familiar;
Perda (1) – perda afetiva;
Coação/Medo (1) – sentir-se coagido pelo grupo a desviar-se;
Infância Feliz (1) – referência a infância gratificante;
Vingança (1) – justificação para o delito.
